

Sofia Cluysen Pereira Gonçalves

Construções de “é que” em Português Europeu

**Dissertação de Mestrado em
Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de
Letras da Universidade do Porto**

Porto 2001

Nota prévia

Este estudo foi elaborado tendo em vista a obtenção do grau de mestre em Linguística Portuguesa Descritiva.

O trabalho que agora submeto à apreciação situa-se na área da Sintaxe e ocupa-se essencialmente da descrição das propriedades sintáticas da construção “é que” no Português Europeu no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros.

O estudo consta de quatro capítulos: no capítulo I, apresento um conjunto de noções sintáticas básicas, desde categorias e funções sintáticas à estrutura temática e informacional, de modo a organizar toda a informação sobre ordem de palavras em Português; no capítulo II, apresentamos as classificações de construções de clivagem de alguns autores já que me basearei nestas classificações para a abordagem da construção “é que”; no capítulo III, são descritas construções com o verbo **ser**, desde as orações predicativas e as identificacionais às orações clivadas; o capítulo IV, que constitui o núcleo deste estudo, contém descrições e propostas de análises estruturais das construções com “é que” contínuo em particular do “é que” apresentador de frase.

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de amigos, professores e familiares.

À Professora Ana Maria Brito, a minha orientadora, vai a minha gratidão pela amizade e compreensão sempre demonstradas, por indicações bibliográficas e metodológicas valiosas e pela leitura de versões preliminares deste estudo.

Dos amigos e colegas que sempre manifestaram apoio e estímulo ao meu trabalho saliento Cândida Martins, António Leal, Paula Moutinho, Marta Moreira, Orlando Fonseca e Luís Vaz.

Agradeço também aos meus pais pelo facto de me terem inculcido a importância e o prazer do trabalho e pelo apoio que me manifestaram durante a elaboração deste estudo.

Índice

Nota prévia.....	1
Índice Geral.....	3
Símbolos e convenções.....	5
Capítulo I – Noções sintácticas e discursivas fundamentais.....	7
1.1. Ordem de palavras em Português.....	7
1.2. Categorias e funções sintácticas.....	12
1.3. Alguns processos de alteração da ordem de palavras no Português.....	13
1.3.1. A passiva.....	14
1.3.2. Construções ergativas (anti-causativa, incoativa, inacusativa).....	15
1.3.3. Movimento do objecto directo.....	16
1.3.4. Interrogativas.....	17
1.3.5. Inversão do sujeito e Parâmetro do Sujeito Nulo....	18
1.4. Noções discursivas e processos sintácticos que se relacionam com essas noções.....	21
1.4.1. Estrutura temática.....	21
1.4.2. Estrutura informacional.....	27
Capítulo II - Apresentação da classificação das construções de clivagem na bibliografia fundamental em Português.....	32
2.1. Classificação das construções de clivagem em Casteleiro 1976.....	33
2.2. Classificação das construções de clivagem em Kato et alii 1996.....	35
2.3. Classificação das construções de clivagem em Costa e Duarte 2001.....	37
2.4. Quadro síntese das construções de clivagem.....	39

Capítulo III - Construções de clivagem com “é que” descontínuo.....	40
3.1. O verbo ser.....	41
3.2. Orações Predicativas e Identificacionais.....	43
3.2.1. Orações Predicativas.....	43
3.2.2. Orações Identificacionais.....	45
3.3. Orações pseudo-clivadas.....	48
3.4. Construções clivadas.....	51
3.4.1. Frases clivadas-Q.....	53
3.4.2. Frases clivadas básicas.....	57
3.4.2.1. A natureza do constituinte à esquerda de “que”.....	59
3.4.2.2. Que – complementador?.....	64
Capítulo IV – Construções com “é que” contínuo.....	66
4.1. “É que” interrogativo.....	68
4.2. “É que” enfático/focalizador.....	71
4.3. “É que” apresentador de frase.....	78
4.4. Outras construções com “é” ou “é que” enfático/focalizador.....	84
Conclusões.....	96
Bibliografia.....	99

Símbolos e convenções

A – argumental

A' – não argumental

COMP – complementador

ESP – especificador

F (SFLEX) – frase (sintagma flexionado)

LOC – locativo

Morfema-Q – morfemas interrogativos / relativos

NOM – nominativo

OBL – oblíquo

OD – objecto directo

OI – objecto indirecto

Op – operador

Or. Peq. – oração pequena

SADJ – sintagma adjectival

SADV – sintagma adverbial

SCOMP – sintagma complementador

SN – sintagma nominal

SPREP – sintagma preposicional

SX – sintagma X

SU – sujeito

SVO – (ordem) sujeito verbo objecto

T – tempo

X – núcleo da categoria X

X' – categoria intermédia entre X e SX

WH / Q – (operador) wh

Wh / Q – morfemas WH (relativos e interrogativos)

[v] categoria vazia

* - agramatical

() – opcionalidade

[] – parentetização

+/- - traço positivo e negativo

i, j, k, l – índices (de expressões)

CAPÍTULO I

Noções sintáticas fundamentais

Neste capítulo pretende-se rever algumas noções básicas importantes para o estudo que vai seguir-se.

1.1 Ordem de palavras no Português

Nas línguas naturais as palavras combinam-se em frases (ou construções frásicas) de acordo com determinadas ordens básicas. Uma frase implica a combinação de vários tipos de unidades, das mais simples às mais complexas. Esta combinação é feita de acordo com processos regulares. Segundo Cunha e Cintra (1990), "Frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação." (119).

As línguas exibem diferentes padrões de ordem de palavras; os mais relevantes parecem ser: VSO, SVO e SOV. Como exemplos do padrão VSO (línguas verbo-iniciais) encontramos as línguas célticas, (como o Galês, o Tagalog); o Alemão, o Turco, o Persa, o Hindi e o Japonês exibem o padrão SOV (línguas verbo-finais) e as línguas românicas, como o Português, o Espanhol, o Inglês e o Francês, estão incluídas no padrão SVO (línguas verbo-mediais). Há, no entanto, outros padrões de ordem de palavras, como a ordem VOS (o Malgache) e ainda a ordem OVS que se encontra numa língua das Caraíbas e em algumas línguas da bacia Amazónica. Vejam-se os exemplos para cada padrão das três ordens de palavras apresentadas inicialmente, ou seja, VSO, SVO e SOV:

(VSO) (1) Sumagot sija as propesor. (respondeu ele o professor)

(SOV) (2) Romalibar barbarlari yendiler. (romanos bárbaros venceram)

(SVO) (3) O Paulo ama a Rita.

(4) A Joana comeu morangos.

(5) Eles são irmãos.

A característica principal das línguas SVO é o facto de o sujeito preceder o verbo em frases básicas ou em frases em que outros constituintes ocupam a posição inicial de frase (Dik 80¹). Para verificar se o Português obedece realmente ao padrão SVO, podem-se observar as seguintes construções:

- a) construções com morfemas-Q
- b) outras construções com COMP lexicalmente preenchido
- c) construções com tópicos marcados

Vejamos os seguintes exemplos para cada construção:

a) (6) O Pedro, a quem **a Joana** deu um livro, gosta de poesia.

(7) O que disseram **os professores**?

(8) O que é que **os professores** disseram?

b) (9) A Ana disse que **a irmã** foi ao cinema.

(10) Eu fiquei a ver **a lua** a subir no céu.

c) (11) Este gelado, **o João** comeu.

(12) Este gelado, **o João** deu-o à Ana.

(13) No que diz respeito à reunião, **a acta** confirma tudo.

¹ Mateus et alii 89, Cap. 10.

(14) Este gelado **eles** adoram.

Como podemos verificar através dos exemplos, o sujeito (constituintes a negrito) ocupa a posição pré-verbal mesmo quando é antecedido de constituintes distintos em posição inicial de frase.

Este facto é igualmente confirmado através de testes de pergunta/resposta.

Se perguntarmos,

(15) O que aconteceu?

a resposta será:

(16) O João comeu este gelado.

e não:

(17) * O João este gelado comeu.

(18) * Comeu este gelado o João.

É observada apenas a excepção da interrogativa de instanciação em a) (7) que, sem a construção “é que”, apenas admite o sujeito em posição pós-verbal. A mesma frase resulta agramatical se o sujeito preceder o verbo (veja-se Ambar 1992 e Mateus et alii 1989, cap.10):

(19) * O que os professores disseram?

Estas estruturas vêm assim confirmar que o Português é uma língua SVO, em que o sujeito pode ocupar a posição inicial, precedendo o verbo. O padrão

básico de ordem de palavras do Português pode assim ser apresentado do seguinte modo: **PI² SU V OD OI OBL X**

Decorre do que foi dito acima que, em geral, a ordem de palavras das frases básicas³ em Português é determinada pela função sintáctica dos constituintes. Assim, se as posições dos constituintes forem alteradas, em certas frases transitivas, como por exemplo:

(20) O Luís adora a Paula.

(21) A Paula adora o Luís.

São igualmente alteradas as funções sintácticas. Assim em (20) o “Luís” é sujeito e a “Paula” o objecto e em (21) a “Paula” é sujeito e o “Luís” o objecto. Vejamos alguns exemplos de frases básicas no Português:

(22) O Gonçalo comeu um gelado.

(23) A Joana comprou um vestido.

(24) Nós lemos o relatório.

Os constituintes com a função de sujeito: “O Gonçalo”; “A Joana” e “Nós” ocupam a posição pré-verbal e a posição pós-verbal, com um verbo transitivo, fica reservada ao constituinte com a função gramatical de objecto directo, que neste caso são: “um gelado”; “um vestido” e “o relatório”. Sendo o Português uma língua com o padrão SVO, o sujeito precede o verbo e o verbo precede o objecto directo, tal como foi referido anteriormente.

² PI designa a posição inicial de frase.

³ São consideradas frases básicas em Português as declarativas afirmativas simples não marcadas, isto é, não enfáticas.

No entanto, o padrão básico de ordem de palavras do Português pode ser alterado através da aplicação de movimentos e deslocação de constituintes, como veremos adiante.

1.2. Categorias e funções sintácticas

Antes de avançar para os processos de alteração da ordem do padrão básico de palavras no Português, é importante relacionar categorias e funções sintácticas. As categorias sintácticas, chamadas “partes do discurso” por Aristóteles, ou “categorias gramaticais” por Chomsky, ou “classes de palavras” por Bloomfield, Hockett e Harris, representam conjuntos de palavras que têm a mesma distribuição ou que ocorrem nas mesmas vizinhanças linguísticas; ou seja, pertencem à mesma categoria gramatical as palavras ou sequência de palavras que, num certo «corpus» representativo da língua partilham a mesma distribuição, não podendo co-ocorrer no mesmo ponto da cadeia sintagmática.

N, V, ADJ, ADJ/ PREP, são os núcleos das projecções máximas designadas por Chomsky categorias sintagmáticas, a saber: **SN, SV, SAdj, SAdv, SPREP**.

Relativamente às relações lógico-sintácticas, as funções sintácticas do Português, algumas já referidas anteriormente, são o sujeito, o predicado, o objecto directo, o objecto indirecto e o oblíquo. Como é sobejamente conhecido, as funções sintácticas dos constituintes são identificáveis em função das relações que os constituintes mantêm entre si numa oração⁴.

⁴ Ver Mateus et alii, Cap. 9.

1.3. Alguns processos de alteração da ordem de palavras no Português:

O movimento/ a deslocação dos constituintes de uma frase é uma propriedade da linguagem, pois há elementos que deveriam estar em determinada posição e estão noutra. Neste ponto vamos apresentar algumas construções que vão aqui ser referidas servindo apenas o propósito de mostrar a alteração da ordem de palavras no Português, sem que tais construções sejam analisadas sintacticamente: a passiva, construções ergativas, a movimentação do objecto directo, a interrogativa e a inversão do sujeito.

Posteriormente neste estudo serão referidos os processos de topicalização e de deslocação à esquerda visto que ambos evidenciam a alteração da ordem de palavras.

1.3.1. A passiva

O fenómeno da passiva é considerada por Chomsky e outros autores como um mecanismo sintáctico, enquanto os modelos lexicalistas a consideram como um fenómeno lexical; neste caso, propõe-se que há uma regra lexical que altera a forma do verbo e a sua grelha argumental, suprimindo um argumento (o agente). A passiva é apenas obtida com verbos transitivos com dois argumentos: o agente e o objecto/tema. Vejam-se as frases apresentadas:

(25) O Luís comprou os discos.

(26) Os discos foram comprados pelo Luís.

Em (25) a activa corresponde ao padrão básico do Português enquanto em (26), com a passiva, obtemos uma frase com a ordem básica alterada. O verbo transitivo “comprar”, nesta construção, não tem como sujeito o argumento que, de acordo com a hierarquia das funções semânticas, seria o argumento agente, mas sim o argumento objecto. Ao objecto é atribuída a proeminência sintáctica e ele converte-se no sujeito frásico. O argumento agente que ocorre como sujeito nas frases básicas, nas construções passivas ou é nulo ou ocorre precedido pela preposição “por”, sem qualquer função sintáctica central.

1.3.2. Construções ergativas (anti-causativa, incoativa, inacusativa)

Este tipo de construções aproxima-se da passiva na medida em que o objecto semântico do verbo passa a sujeito da frase, como ilustram os seguintes exemplos:

(27) A cozinheira derreteu a manteiga. (construção causativa)

(28) A manteiga derreteu. (construção incoativa ou anti-causativa)

Em (27) o constituinte “a manteiga” é objecto e a frase tem o padrão básico de ordem de palavras do Português. Mas em (28), a construção anti-causativa, o objecto vai ocupar não só a posição do sujeito como adquire propriedades de sujeito (concordância, caso nominativo). No entanto, note-se que a alteração é, tal como na passiva, efectuada a nível de funções sintácticas e não semânticas⁵.

⁵ Ver Mateus et alii, Cap.10.

1.3.3. Movimento do objecto directo

O objecto directo é a função sintáctica do argumento interno de predicadores verbais de dois ou três lugares, sendo, tipicamente, paciente, objecto ou tema. O objecto directo final ocorre sem regência preposicional e nas frases básicas ocorre à direita do verbo ou do objecto indirecto (29a), se o OI for clítico (29b) ou se se pretender focalizar o OD (30).

Este “movimento”, se assim podemos chamar à ocorrência do OI precedendo o OD, é um processo de marcação de foco. O constituinte focalizado é aquele que ocupa a posição final de frase:

(29a) O José deu um livro à Maria.

(29b) O José deu-lhe um livro.

(30) O José deu à Maria um livro.

Ambas as frases estão correctas mas marcam focos diferentes. Em (29a), o foco é o OI, “à Maria” e, em (29b) ou em (30), o OD, “um livro”, é que funciona como foco. Assim (29a) apresenta o padrão: **S V OD OI** enquanto (30) obedece à seguinte ordem de palavras: **S V OI OD**.

Não sendo objecto desta dissertação a análise detalhada destas construções, importa aqui referir apenas a existência de dois padrões de ordem; intuitivamente, parece dar-se o movimento do OD para a posição final em (30) mas pode acontecer que seja o movimento do V e do OI para a esquerda que expliquem a ordem das palavras exibida em (30).

1.3.4. Interrogativas

O movimento dos pronomes interrogativos não parece ser obrigatório em Português:

(31) A Maria comprou que livros?

(32) Que livros comprou a Maria?

(33) Que livros é que a Maria comprou?

(34)? Que livros a Maria comprou?

(35) Quantos livros a Maria comprou?

Como podemos ver em (31) não há qualquer movimento do morfema interrogativo, mantendo a frase a ordem **S V O (Pal.-Q)**. Já em (32) e (33) a palavra-Q foi movida para posição inicial de frase alterando, assim, a ordem referida anteriormente para **O (Pal.-Q) V S** e **O (Pal.-Q) “é que” S V**, respectivamente. O exemplo (34) resulta algo estranho sem a construção “é que”, pois o sujeito deveria ocupar uma posição pós-verbal, como em (32), e não pré-verbal; de qualquer modo quer (34) quer (35) são uma forma de obter uma ordem diferente da ordem básica de palavras no Português⁶.

⁶ Ver Ambar 1992, Cap. 6 e Mateus et alii 1995, Cap. 10.

1.3.5. Inversão do sujeito e Parâmetro do Sujeito Nulo

A inversão de sujeito⁷ é preferencialmente utilizada nas frases declarativas com verbos intransitivos inergativos e ergativos / inacusativos, obtendo-se, assim, o seguinte padrão de ordem de palavras: **V S X** como ilustram os exemplos:

(36) O João telefonou.

(37) Telefonou o João.

(38) Os convidados chegaram.

(39) Chegaram os convidados.

Se em (36) e (38) a ordem de palavras é S V X o mesmo não acontece em (37) e (39).

Sabe-se hoje que a inversão do sujeito neste tipo de frases é um fenómeno estreitamente ligado à natureza do sujeito nulo das línguas. De facto, se se comparar com o Francês e o Inglês, estas línguas fixam o valor negativo para este parâmetro e não admitem a inversão de sujeito, sendo excluídas frases do tipo:

(40) *Sommes allés au cinema.

(41) *Rained yesterday".

(42) *A telephoné Pierre.

(43) *Est arrivé Pierre.

(44) *Talked Peter.

⁷ O fenómeno não é aqui analisado sintacticamente. Ver Raposo 1992, Cap.16.

(45) *Arrived Peter.

O Parâmetro que estipula, na Gramática Universal, que as frases finitas podem ou não ter sujeitos sem realização lexical é o Parâmetro do Sujeito Nulo. O Português, o Espanhol, o Italiano fixam o valor afirmativo para este parâmetro; assim, frases como:

(46) Fomos ao cinema.

(47) Ontem choveu.

podem ocorrer nestas línguas. Da fixação positiva do parâmetro do Sujeito Nulo decorre a inexistência de sujeitos expletivos (i.e., meramente gramaticais) em frases declarativas; ou seja, não são bem formadas em Português frases como⁸:

(48) *Ele choveu ontem.

(49) *Ele surpreende-me que o João me tenha mentido.

E também a possibilidade de sujeitos pós-verbais em frases declarativas como, por exemplo:

(50) Telefonou a Maria.

(51) Apareceu um fantasma em minha casa.

(52) Comi eu.

Da fixação negativa do mesmo Parâmetro decorre a necessidade de sujeitos expletivos como: "Il faut...", "It seems that...", "Il pleut..." "It rains...", e a impossibilidade de sujeitos pós-verbais em frases declarativas. Uma das

explicações para esta diferença entre línguas baseia-se na relação entre sujeitos nulos e morfologia verbal rica versus sujeitos expressos e morfologia verbal pobre.

De facto, a morfologia verbal muito rica em pessoa e número acontece em línguas como o Português, o Espanhol e o Italiano, que fixam o valor positivo para o Parâmetro do Sujeito Nulo⁹.

⁸ Em certos registos orais, frases como (48) podem ser aceitáveis; veja-se ainda “Ele há coisas...” ou “Ele chove a cântaros.”

⁹ O Chinês e o Japonês não têm morfologia verbal de pessoa e número, apesar de também fixarem o valor positivo do parâmetro. Alguns autores notaram que estas mesmas línguas têm uma formação uniforme dos tempos verbais; esta constatação levou Jaeggli e Safir a proporem que é a uniformidade morfológica que está na base da possibilidade de as línguas terem sujeitos nulos.

1.4. Noções discursivas e processos sintácticos que se relacionam com essas noções.

1.4.1. Estrutura temática

É chegada a altura de expor algumas noções importantes para o presente estudo. Após a apresentação de noções sintácticas fundamentais como funções sintácticas e categorias sintácticas, em Português, é necessário ter em conta outras noções, não sintácticas mas discursivas. O que se pretende com este ponto é identificar e definir noções que se relacionam com a estrutura temática (tópico, comentário) e com a estrutura informacional (foco, informação dada e informação nova) e para tal baseamo-nos principalmente em Duarte 1987 e 1997. Será dada especial atenção à distinção entre Tópico e Sujeito e ainda entre Tópico e Foco.

A **estrutura temática** é o modo com um texto selecciona e vai apresentado os assuntos sobre os quais o texto fala. Do ponto de vista cognitivo, entenda-se **texto** como um conjunto coeso e coerente de enunciados linguísticos e que pode conter um tópico global embora possa haver sub-tópicos. Os assuntos sobre os quais o texto fala são os **tópicos**, que têm a função cognitiva de seleccionar e activar um elemento existente na memória do alocutário, transferindo-o para uma memória activa em que possa ser combinado com novos elementos.

O **tópico** pode ser **frásico**, **não marcado** ou **marcado** e ainda **contrastivo**. O **tópico frásico**, a expressão que funciona como tópico de uma frase, pode ser um nome próprio ou uma descrição definida com especificador de valor definido ou dítico. Este tópico pode denotar indivíduos, conceitos, propriedades ou relações, enquadramentos espaço-temporais ou estados de coisas relativas a quaisquer universo de referência. Vejam-se os exemplos:

(53) O Sérgio comprou o livro.

(54) A família viajou para longe.

(55) Quanto a perfumes, prefiro Armani [-].

(56) O livro, o Sérgio comprou [-].

(57) Para longe, a família viajou [-].

(53) e (54) são exemplos de tópicos não marcados, sendo tópico sujeito. Os exemplos (55), (56), e (57) são tópicos marcados e estão colocados numa posição periférica à esquerda, seguida de pausa.

Duarte 1987 faz uma distinção entre tópico frásico e tópico discursivo. Assim, **tópico discursivo** é relevante ao nível de unidades superiores à frase e pode não corresponder a uma expressão linguística explícita:

(58) O Sérgio foi roubado. Os ladrões levaram-lhe a carteira. Os roubos são sempre uma ameaça. Fez queixa na polícia, que acabou por encontrar os acusados do furto, ele recuperou a carteira.

Em (58) pode dizer-se que o tópico discursivo é o roubo de Sérgio mas cada frase tem o seu próprio tópico.

O tópico frásico está ao nível da oração propriamente dita, em (58) o Sérgio, os ladrões e ele, e corresponde a uma expressão linguística. O tópico assim, é um constituinte da frase com realização lexical, está ligado à distinção Tópico/Comentário e precede em geral o comentário. O **comentário** corresponde ao predicado frásico, é tudo aquilo que se diz acerca do tópico.

Duarte conclui então que “tópico frásico é o constituinte utilizado para destacar a entidade ou classe acerca da qual se predica algo (...) o tópico envolve sempre uma relação de predicação”. (582)

A relação de predicação leva-nos a mais duas noções: a de juízo categórico e a de juízo tético. Um **juízo categórico**, como em (59), é expresso por uma frase com tópico e o **juízo tético** é expresso por uma frase sem tópico, como em (60):

(59) A carta de que eu estava à espera chegou finalmente.

(60) Chegou finalmente a carta de que eu estava à espera.

As frases que exprimem juízos categóricos envolvem dois actos separados: no uso de (59) o facto de estar à espera de uma carta e o facto de a carta ter chegado, enquanto aquelas que exprimem juízos téticos são utilizadas para introduzir um indivíduo no discurso, que aqui é “a carta”.

Voltando à questão dos tópicos frásicos, estes subdividem-se em tópicos não marcados, tópicos marcados e ainda contrastivos. Os **tópicos não marcados** são tópicos frásicos que coincidem com o sujeito de uma dada frase, ou seja, a relação gramatical de sujeito e a função textual de tópico recaem sobre o mesmo constituinte.

(61) O Rui chegou tarde a casa.

(62) A Rita escreveu a carta no combóio.

Os **tópicos marcados** ocorrem em posição inicial de frase e a sua estrutura sujeito-predicado não coincide com a estrutura tópico- comentário, ou seja, os tópicos são um constituinte distinto do sujeito.

(63) O poema, o Rui escreveu [-] para ti.

(64) O jornal, o Sérgio comprou [-] hoje.

(65) Jogos, odeio baseball.

Relativamente aos **tópicos contrastivos**, estes retomam um objecto apresentado pelo discurso anterior, descrevendo um dado estado de coisas e em que é feito, acerca desse objecto, um comentário que contrasta com o conteúdo da proposição anterior.

(66) O jornal, e não o poema, é que o Sérgio leu.

(67) O filho mais velho, e não o mais novo, é que se portou bem.

Dissemos acima que há processos sintácticos de marcação de tópico, entre eles a topicalização e a “deslocação à esquerda”.

A topicalização é um processo sintáctico de marcação de tópico¹⁰ que difere da deslocação à esquerda, apesar de serem processos muito próximos e com o mesmo propósito. Atente-se nos seguintes exemplos:

(68) O menino viu o mar.

(69) O mar, o menino viu [-].

Tópico Comentário

(70) O mar, o menino viu-o.

Tópico Comentário

O exemplo (68) é uma frase básica do Português que apresenta o padrão de ordem de palavras SVO, ou seja, “O menino” é o sujeito; “viu” é o verbo e “o mar”, o objecto. Em (69) a ordem linear das palavras sofreu uma alteração através do processo de topicalização apresentando a ordem OSV estando uma posição dentro do comentário não preenchida. O tópico coincide com o valor do argumento do verbo do comentário não preenchido. Já em (70) o processo que altera a ordem de palavras é a chamada “deslocação à esquerda clítica”. Este processo de marcação de tópico difere da topicalização visto que a posição do

¹⁰ Ver Duarte 1987.

comentário é preenchida por um clítico co-referente. O constituinte que funciona como tópico, “o mar”, exibe a mesma marcação casual do clítico co-referente que ocorre no comentário (acusativo) embora no Português o caso dos SNs não esteja evidentemente visível / morfologicamente realizado. O constituinte que funciona como tópico é também em Português parafraseável por uma expressão como: **quanto a X, no que se refere a x, a respeito de x, a propósito de x.**

(71) Quanto a poesia, prefiro sonetos.

Tópico

Em (71) vemos que embora haja uma relação de relevância entre o tópico e o comentário, o tópico não é necessariamente um argumento do verbo; a estrutura argumental do verbo preferir está preenchida na frase (propriamente dita).

Entre outras propriedades que caracterizam os tópicos pode apresentar-se as seguintes: É compatível com o morfema-Q interrogativo:

(72) Ao João, que disseste?

Uma estrutura frásica pode conter mais do que um tópico, como podemos ver em (73):

(73) Quanto a perfumes, Armani, adoro.

Por outro lado, o tópico não aceita facilmente quantificadores, senão veja-se:

(74) * Ninguém, viu-o.

(75) * Toda a gente, entrou em casa.

Apesar de se poderem aproximar as noções de tópico e sujeito, é possível afastar na série de propriedades que os distinguem: (cf. Li 1976; Duarte 87)

Sujeito	Tópico
<ul style="list-style-type: none"> . não é necessariamente definido . tem sempre uma relação selectiva com o predicado . é seleccionado pelo verbo . é caracterizado como sendo o orientador ou ponto de vista da acção, experiência, ou estado do verbo . não está necessariamente na posição inicial de frase . há concordância verbal obrigatória com o verbo . não tem função discursiva específica. (podendo ser tópico ou foco conforme a posição, por exemplo) 	<ul style="list-style-type: none"> . deve ser definido . não necessita relacionar-se com o verbo; não é necessariamente argumento de um predicador . não é necessariamente determinado pelo verbo: a selecção do tópico é independente; o falante é livre na escolha dos tópicos . assume um papel funcional constante; limita a aplicação da predicação a um domínio (espacial, temporal e individual) restrito . sendo tema do discurso, é introduzido em início de frase . não há concordância verbal obrigatória . tem uma função discursiva específica

1.4.2. Estrutura informacional

Passemos agora à noção de **estrutura informacional**, que é a maneira como o texto distribui a informação que apresenta. Esta noção inclui as noções de informação dada, informação nova e ainda foco. A **informação dada** é aquela que já é familiar aos intervenientes do discurso, ou seja, é a informação previamente conhecida e que faz parte do universo cognitivo do alocutário. A **informação nova** é toda a informação não conhecida pelo alocutário. A informação dada está ligada a tópico e a tema, enquanto a informação nova se “associa” à noção de comentário e de rema. Mathesius 1928, citado em Duarte 1987, considera **tema** “aquilo que é conhecido ou pelo menos óbvio numa dada situação e a partir do qual o locutor prossegue o seu discurso”, o que corresponde à informação dada. **Rema** é “a parte da frase que contribui mais fortemente para enriquecer ou alterar o estado de conhecimentos do enunciatário” e corresponde à informação nova. O alvo de atenção dos intervenientes na produção ou interpretação de um texto, dado que ele acresce elementos novos ao espaço cognitivo já apresentado pelo texto, é o **foco**, que pode ser entendido como a “parte” sobre a qual incide a dúvida do falante. O foco depende fortemente do contexto e pode ser “verificado” ou identificado através do teste de perguntas e respostas. Tendo em conta a frase,

(76) O Nuno escreveu um artigo.

Se perguntarmos:

(77) O que aconteceu?

e se (76) for a resposta, o foco será a totalidade da frase.

Se perguntarmos:

(78) Quem escreveu o artigo?

e se a resposta for a identificação do valor de quem, por exemplo o Nuno, então, foco será “Nuno”.

O foco pode ser também “um artigo”, se a pergunta for:

(79) O que é que o Nuno escreveu?

Em consequência, as respostas às perguntas são, portanto diferentes consoante o foco da interrogação.

Ainda relativamente à noção de foco, Duarte 1997 e Ambar 1999, na sequência de outros autores, diferencia foco informacional de foco identificacional. O **foco informacional** ou **apresentacional** designa a parte do enunciado que transporta a informação com maior grau de novidade sem qualquer tipo de contraste com outro tipo de informação. O **foco contrastivo** é aquele em que a informação nova é vista em contraste com outra informação conhecida ou com outra informação nova. O foco é um elemento do comentário e pode ocupar qualquer posição na frase mediante o contexto onde está inserido.

(80) O Nuno escreveu um artigo e não um livro.

Em (80) o foco identificacional é “um artigo” que, neste caso, não só esta a ser identificado como também contrasta com “um livro”.

O foco pode ser dado pela posição, por meios prosódicos e por meios sintácticos (ver por exemplo o processo de clivagem).

(81) Foi a Maria que chegou. (processo sintáctico)

(82) Foi a MARIA e não o Nuno que chegou. (processo sintáctico e prosódico)

(83) A MARTA vai amanhã para o estrangeiro. (processo prosódico)

Em síntese, foco introduz informação nova e expressa objectos definidos ou indefinidos:

(84) Veio o Pedro, não o Manuel.

(85) Veio um homem, não uma mulher.

Ao contrário do tópico, o foco não aceita clíticos (86); pode ser constituído por quantificadores (87),(88) e é incompatível com o morfema-Q (89):

(86) *O teu livro é que eu comprei-o.

(87) NINGUÉM o viu.

(88) TODA A GENTE o viu.

(89) *O que, AO JOÃO disseste?

Resumindo, as dicotomias apresentadas em Duarte 1987 são as seguintes:

Tópico	Comentário
Sujeito	Predicado
Informação Dada	Informação Nova
Tema	Rema

Tópico e foco são noções discursivas distintas. Algumas das propriedades que permitem caracterizá-los estão descritas no quadro seguinte (cf. Rizzi 1997, Duarte 1987, Costa e Duarte 2001):

Tópico	Foco
<ul style="list-style-type: none"> .normalmente expressa informação dada .quando não marcado identifica-se com sujeitos normalmente definidos . aceita clíticos . não é em geral constituído por expressões quantificadas . pode haver mais do que um tópico na estrutura frásica . é compatível com o morfema-Q .a topicalização e outras frases similares são processo sintácticos 	<ul style="list-style-type: none"> . introduz informação nova . expressa objectos definidos ou indefinidos . não aceita clíticos . pode ser constituído por expressões quantificadas . a estrutura frásica contém apenas um foco . é incompatível com o morfema-Q .a focalização pode ser um processo prosódico; é um processo sintáctico nas construções de clivagem

As construções que vão ser objecto de estudo nesta tese são certas construções de clivagem, e que são utilizadas como estratégias sintácticas de focalização de um elemento da frase.

O processo de clivagem reúne as seguintes construções: frases clivadas, pseudo-clivadas, semi-pseudo clivadas e pseudo-clivadas invertidas. Ilustradas nas exemplos seguintes:

(90) Foi leões que o Sérgio fotografou.

(91) O que o Sérgio fotografou foi leões.

(92) O Sérgio fotografou foi leões.

(93) Leões é que o Sérgio fotografou.

Todas as construções reunidas no processo de clivagem serão apresentadas e diferenciadas nos capítulos II, III e IV.

CAPÍTULO II

Apresentação da classificação das construções de clivagem na bibliografia fundamental em português

Nesta secção vão ser apresentadas as classificações das construções de clivagem em Português. Serão expostos três grupos de classificações consideradas como fundamentais na bibliografia portuguesa. Os exemplos dados serão dos autores focados em cada classificação.

2.1. Classificação das construções de clivagem em Casteleiro 1976

Casteleiro 76 distribui as construções com clivagem em quatro grupos: (i) as pseudo-clivadas; (ii) as clivadas; (iii) as semi-pseudo-clivadas e (iv) as construções com “é que”.

Exemplo	Construção
(1) O que o Rui comeu ontem foi bolos.	Pseudo-clivada
(2) Foi bolos (o) que o Rui comeu ontem.	Clivada
(3) O Rui comeu ontem foi bolos.	Semi-pseudo-clivada
(4) Bolos é que o Rui comeu ontem.	Construções com “é que”

Para Casteleiro, a clivagem é um processo sintáctico que implica a formação de uma frase relativa, relativa falsa no caso de (1), e relativa verdadeira, no caso de (2). Considera ainda que (3) e (4) são construções aparentadas com as duas primeiras.

Relacionando as frases ilustradas com as funções discursivas, em (1), uma frase pseudo-clivada, o foco é assinalado com o constituinte da frase à direita do verbo **ser (ser + foco)**. Nestas construções, a informação focalizada é a informação nova. Este tipo de frase envolve tipicamente um morfema Q. (2), uma frase clivada, assinala o foco à direita do verbo **ser (ser + foco (o) que x)** tal como (1). A semi-pseudo-clivada em (3) já não apresenta um morfema Q e simplesmente tem na frase o verbo ser seguido de foco. O exemplo (4) é uma construção com “é que” estando o foco em posição inicial de frase, à esquerda do verbo **ser (foco é que x)**, contrariamente aos exemplos anteriores. Passamos então a apresentar um quadro que ilustra os focos assinalados nas quatro frases:

(1) O que o Rui comeu ontem foi bolos .	Pseudo clivada (ser foco)
(2) Foi bolos (o) que o Rui comeu ontem.	Clivada (ser foco (o) que x)
(3) O Rui comeu ontem foi bolos .	Semi pseudo clivada (ser foco)
(4) Bolos é que o Rui comeu ontem.	Construções com “é que” (foco “é que” x)

2.2. Classificação das construções de clivagem em Kato et alii 1996

Kato et alii 96 definem oração clivada como um conjunto de construções Q usadas para salientar sintacticamente um constituinte como foco frásico. No que diz respeito à clivagem e às funções discursivas, os autores indicam que as clivadas apresentam informação nova em posição focal, não focal ou em ambas. As pseudo-clivadas focalizam a informação nova em posição de foco ou na oração Q; as pseudo-clivadas invertidas focalizam a informação dada.

Os tipos de clivadas apresentadas por estes autores são divididos em oito grupos tendo uma nomenclatura algo diferente da classificação apresentada anteriormente. É também de salientar que Kato et alii 96 se baseiam no Português Brasileiro:

Exemplo	Construção
(5) Foram os meninos que a Maria viu.	Impessoal / clivada "stricto senso"
(6) Quem a Maria viu foram os meninos.	Pseudo-clivada
(7) Os meninos é que a Maria viu.	Clivada invertida focal
(8) Os meninos são quem a Maria viu.	Pseudo-clivada invertida
(9) Eu quero é um café.	Construção clivada sem pal. Q (pseudo-clivada reduzida)
(10) É o João que saiu.	Clivada "é que" invariante (com cópula invariante)
(11) Eu que entro.	Clivada sem cópula.

A frase pseudo clivada mantém o seu nome; mas já a construção com “é que” de Casteleiro 76 recebe o nome de clivada invertida focal porque o foco está na posição inicial. A clivada sem cópula é uma variação da clivada com o apagamento do verbo **ser**.

Segue-se um quadro ilustrativo da marcação de focos nestas frases, em que o foco é marcado a negrito:

(5) Foram os meninos que a Maria viu.	Impessoal / clivada “stricto senso”
(6) Quem a Maria viu foram os meninos .	Pseudo clivada
(7) Os meninos é que a Maria viu.	Clivada invertida focal
(8) Os meninos são quem a Maria viu .	Pseudo clivada invertida
(9) Eu quero é um café .	Construção clivada sem pal. Q (pseudo clivada reduzida)
(10) É o João que saiu.	Clivada “é que” invariante (com cópula invariante)
(11) Eu que entro.	Clivada sem cópula.

Em (5), (6), (8), (9) e (10), o foco é assinalado à direita do verbo **ser**. O exemplo (11) assinala foco em posição inicial de frase, como em (7), mas em (11) o verbo **ser** não está presente.

2.3. Classificação das construções de clivagem em Costa e Duarte 2001

A classificação de Costa e Duarte 2001 reúne classificações das estruturas de clivagem de Casteleiro 1976 e de Kato et alii 1996 apresentadas nos pontos 2.1 e 2.2 do presente estudo. Assim, os autores apresentam seis grupos de construções:

Exemplo	Construção
(12) Foi o bolo o que o João comeu.	Clivada Q
(13) Foi o bolo que o João comeu.	Clivada
(14) O que o João comeu foi o bolo.	Pseudo-clivada básica
(15) O bolo foi o que o João comeu.	Pseudo-clivada invertida
(16) O bolo é que o João comeu.	Pseudo-clivada invertida de “é que”
(17) O João comeu foi o bolo.	Semi-pseudo-clivada básica

Em (12), (13), (14) e (17) o foco é assinalado à direita do verbo **ser** enquanto que (15) apresenta foco informacional na oração relativa livre. Em (16) o foco precede a forma “é que”. Nas construções apresentadas por Costa e Duarte 2001, é esta a distribuição dos focos (assinalados a negrito):

(12) Foi o bolo o que o João comeu.	Clivada Q
(13) Foi o bolo que o João comeu.	Clivada
(14) O que o João comeu foi o bolo .	Pseudo clivada básica
(15) O bolo foi o que o João comeu.	Pseudo clivada invertida
(16) O bolo é que o João comeu.	Pseudo clivada invertida de "é que"
(17) O João comeu foi o bolo .	Semi pseudo clivada básica

Do ponto de vista da flexão verbal, vemos que nas construções de clivagem apresentadas em 2.1, 2.2, e 2.3, temos dois grupos: aqueles em que há variação do verbo **ser** e aqueles em que há a forma "é que".

2.4. Quadro síntese da classificação das construções clivadas em português:

	Casteleiro 1976	Kato et alii 1996	Costa e Duarte 2001
	CONSTRUÇÕES		
	Pseudo clivada (ser foco)	Pseudo clivada	Pseudo clivada básica
O que o Rui comeu ontem foi bolos . Quem a Maria viu foram os meninos . O que o João comeu foi o bolo .	Clivada (ser foco (o) que x)	Impessoal / clivada stricto senso (a) Clivada "é que" invariante (b)	Clivada Q (c) Clivada (d)
Foi bolos (o) que o Rui comeu ontem. Foram os meninos que a Maria viu. (a) É o João que saiu. (b) Foi o bolo o que o João comeu. (c) Foi o bolo que o João comeu. (d)	Semi pseudo clivada	Pseudo clivada invertida (e) Construção clivada sem pal.Q (pseudo clivada reduzida) (f)	Pseudo clivada invertida (g) Semi pseudo clivada básica (h)
O Rui comeu ontem foi bolos . Os meninos são quem a Maria viu . (e) Eu quero é um café . (f) O bolo foi o que o João comeu. (g) O João comeu foi o bolo . (h)	Construções com "é que" (foco é que x)	Clivada invertida focal	Pseudo clivada invertida de "é que"
Eu que entro.		Clivada sem cópula (P.B.)	

CAPÍTULO III

Construções de clivagem com “é que” descontínuo

Esta secção tratará das construções de clivagem. Vejam-se alguns exemplos:

- (1) Foram flores o que ele comprou.
- (2) Foi mobília que eles transportaram.
- (3) O que elas vestiram foi calças.
- (4) Um percalço foi o que ele teve.
- (5) O programa é que ele orientou.
- (6) Eles falaram foi chinês.

O processo de clivagem surge sempre acompanhado do verbo **ser** e é devido a esse facto que importa, em primeiro lugar analisar aspectos fundamentais sobre construções com o verbo **ser**.

Interessa assim, estabelecer um paralelo entre as frases predicativas e identificacionais com as construções de clivagem já que as últimas parecem surgir de estruturas com o verbo **ser**. Por isso, é a seguir apresentada uma classificação possível dos verbos **ser** na língua Portuguesa e uma breve descrição das construções em que ele pode surgir.

3.1. O verbo ser

O verbo **ser** não só dá origem a processos sintáticos como a clivagem ou a passiva como também a frases predicativas e frases identificacionais.

Na língua Portuguesa o verbo **ser** pode ser descrito em três grandes tipos, sem que a tipologia aqui apresentada signifique uma análise detalhada das várias construções referidas:

VERBOS SER NA LÍNGUA PORTUGUESA			
VERBO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLOS	BREVE DESCRIÇÃO
1. Ser	Predicador estativo – existencial	Penso, logo sou.	.predica a existência acerca de determinada entidade: não é seguido de nenhum constituinte
2.1. Ser	Predicador estativo – identificacional	O Sr. José é o porteiro da Faculdade. O porteiro da faculdade é o Sr. José.	.exprime uma relação de equivalência entre a entidade designada pelo sujeito e a entidade designada pelo predicado, por outras palavras, identifica a entidade designada pelo sujeito com a expressão definida que constitui o predicado

VERBOS SER NA LÍNGUA PORTUGUESA

VERBO	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLOS	BREVE DESCRIÇÃO
2.2. Ser	Predicador estativo – predicativo	O Luís é louro. O Luís é pintor.	.atribui determinada propriedade a uma entidade .ocorre seguido de uma categoria não verbal: - adjectival (SADJ) - nominal (SN não definido) - adverbial (SADV) - preposicional (SPREP)
3. Ser	Ser auxiliar de passiva	O bolo foi comido pelo João.	.é fundamentalmente um suporte sintáctico .obedece a critérios de auxiliaridade .juntamente com o SV está ligado a valor eventivo da construção passiva

3.2. Orações Predicativas e Identificacionais

Neste ponto, vamos analisar em termos gerais, alguns aspectos da sintaxe e da semântica das orações copulativas com o verbo **ser**. Como já apresentamos no quadro anterior, há dois grandes tipos de frases com **ser**, as frases predicativas e as frases identificacionais.

3.2.1. Orações Predicativas

Nas frases predicativas ligam-se dois termos; não há uma identificação referencial e há sim a atribuição de uma propriedade expressa pelo segundo termo, como podemos ver nos seguintes exemplos:

(7) Os bombeiros são corajosos.

(8) O livro é de Lisboa.

(9) O Bruno é professor.

(10) Ele está além.

Assim, “corajosos”, “de Lisboa” e “professor” exprimem uma qualidade (inerente ou de fase) relativamente à entidade designada pelo sujeito da mesma frase, nestes casos, “os bombeiros”, “o livro”, “o Bruno”, e “além” respectivamente.

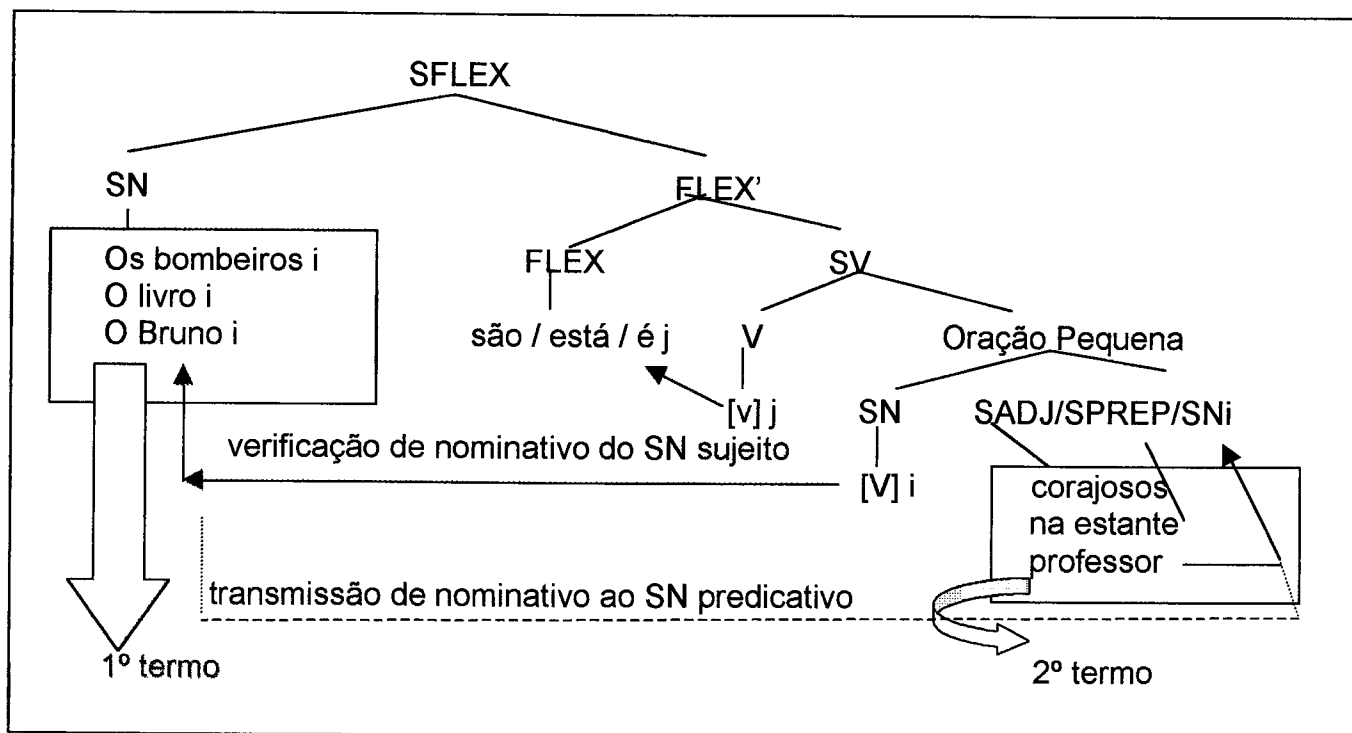
De acordo com a Gramática Generativa e em particular com a Teoria da Regência e Ligação¹¹ tanto as frases predicativas como as frases identificacionais envolvem uma “oração pequena” ou reduzida que contém um sujeito e um predicado. A oração pequena pode conter no seu predicado um SADJ (7), um SPREP (8), um SN (9).

¹¹ Cf. Raposo 92, cap.7.

A oração pequena é a projecção do seu predicado e não possui categorias funcionais como SFLEX ou SCOMP.

A expressão SN, sujeito da oração pequena é elevada para a posição de sujeito da frase predicativa para verificar o seu caso nominativo (numa relação de especificador/núcleo com a flexão). Já o verbo movimenta-se para FLEX, como acontece em todas as frases flexionadas. Note-se que a categoria funcional SFLEX não vai ser aqui discutida.

A estrutura a seguir apresentada mostra os mecanismos fundamentais acima referidos. Repare-se que quando o predicativo é um SN ele é também acessível ao caso nominativo; nesta circunstância, o mecanismo é uma transmissão de caso a partir do SN sujeito por coindexação:



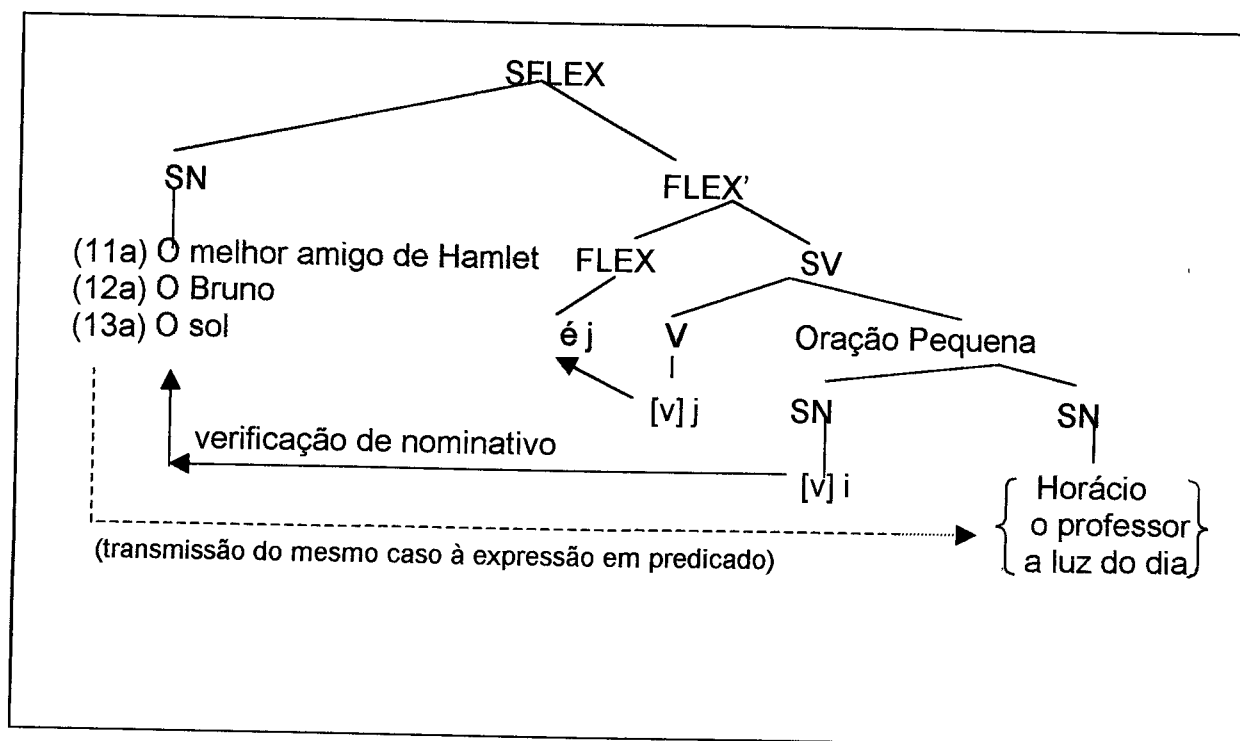
3.2.2. Orações Identificacionais

Estas orações baseiam-se na identificação referencial entre o primeiro termo e o segundo, e têm a possibilidade de alterar a ordem de palavras, vejam-se os exemplos:

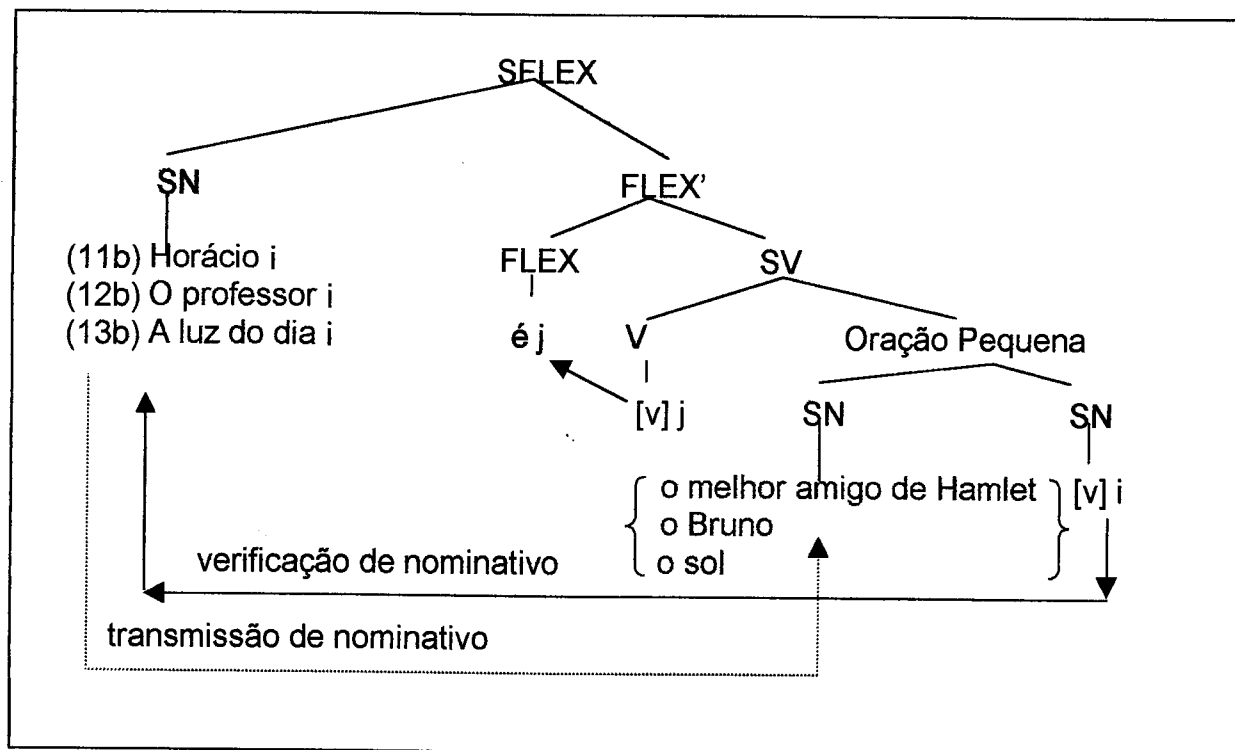
(11a) O melhor amigo de Hamlet é Horácio.	(11b) Horácio é o melhor amigo de Hamlet.
(12a) O Bruno é o professor.	(12b) O professor é o Bruno.
(13a) O sol é a luz do dia.	(13b) A luz do dia é o sol.

Como podemos constatar através dos exemplos apresentados, os termos podem ser “invertidos” não originando agramaticalidade da frase e mantendo-se a relação referencial entre eles.

Isto revela que é possível a subida de qualquer um dos termos da oração pequena para a posição de sujeito da frase identificacional, como se pode ver nas estruturas que se seguem. Assim, não só é possível obter as frases (14a), (15a), (16a) que têm a estrutura sintáctica discutida no quadro a seguir:



Como é possível obter as frases em (11b), (12b) e (13b), com a estrutura seguinte:



Na primeira estrutura eleva-se o primeiro termo da oração pequena, o sujeito da oração pequena, para a posição de sujeito frásico onde verifica o caso nominativo e obtemos assim as frases (11a), (12a) e (13a). Na segunda estrutura é o segundo termo da oração pequena, o predicado da oração pequena, que se eleva para posição de sujeito da frase identificacional, acedendo a caso nominativo. As frases resultantes desta segunda estrutura são os exemplos (11b), (12b) e (13b). A verificação do caso nominativo em ambas as estruturas parece ser devido a um processo de coindexação como está descritas nos esquemas, que também é responsável pela concordância operada entre os dois termos da relação predicativa (transmissão de propriedades flexionais de género, número).

De acordo com este tratamento, tanto nas frases predicativas como nas frases identificacionais, o verbo **ser** é externo à conexão predicativa propriamente

dita, selecciona ele próprio uma oração pequena podendo por isso aproximar-se de um verbo inacusativo¹².

Em qualquer das construções o verbo é variável em pessoa, número e tempo, concordando com o SN SU final da oração:

(14) O bombeiro foi corajoso.

(15) Os livros estavam na estante.

(16) * O Bruno são professores.

¹² Cf. Mateus et alii 89, cap. 10.1.3

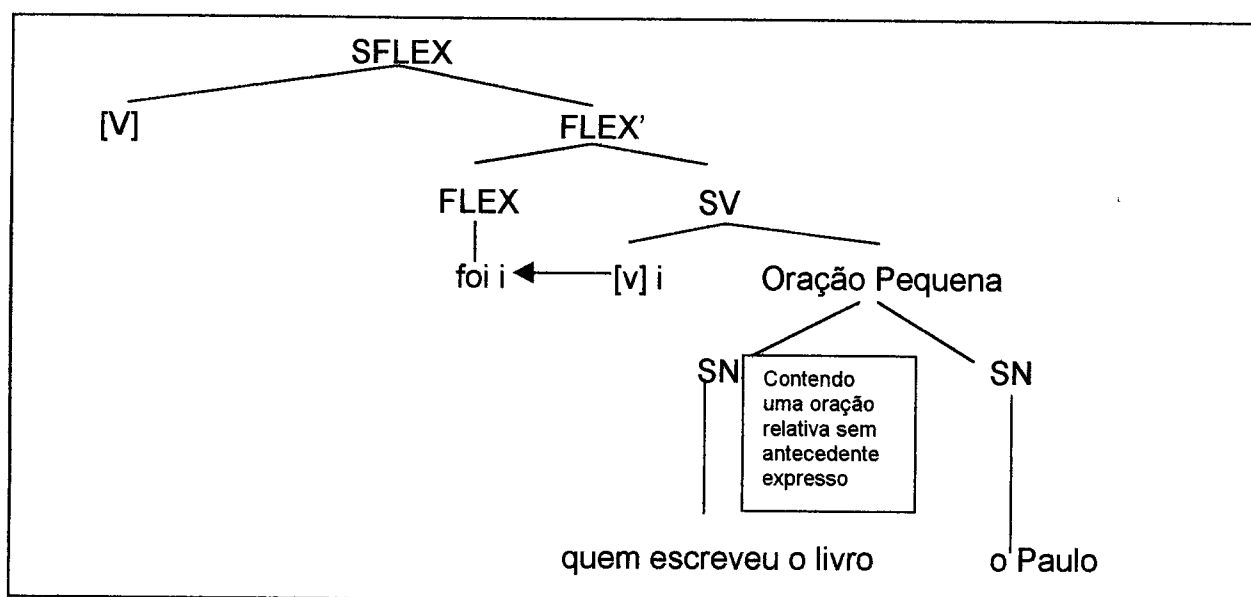
3.3. Orações pseudo clivadas

Neste e no próximo parágrafo, analisaremos, em termos gerais, a sintaxe das construções pseudo-clivadas e das construções clivadas. Seguiremos muito de perto a análise de Costa e Duarte 2001. Como estes autores evidenciam, as orações pseudo clivadas têm características comuns a frases identificacionais uma vez que ambos os termos das frases clivadas são descrições definidas e em ambas ocorre o verbo **ser**¹³.

Aplicando às orações pseudo-clivadas algumas das propostas apontadas no ponto anterior para as orações identificacionais é possível propor que nas frases clivadas o verbo **ser** selecciona igualmente uma oração pequena sendo esta constituída por um SN e uma oração relativa livre (sem antecedente expreso). Vejamos os seguintes exemplos:

(17a) Quem escreveu o livro foi o Paulo.	(17b) O Paulo foi quem escreveu o livro.
(18a) O que a Maria disse foi uma estupidez.	(18b) Uma estupidez foi o que a Maria disse.

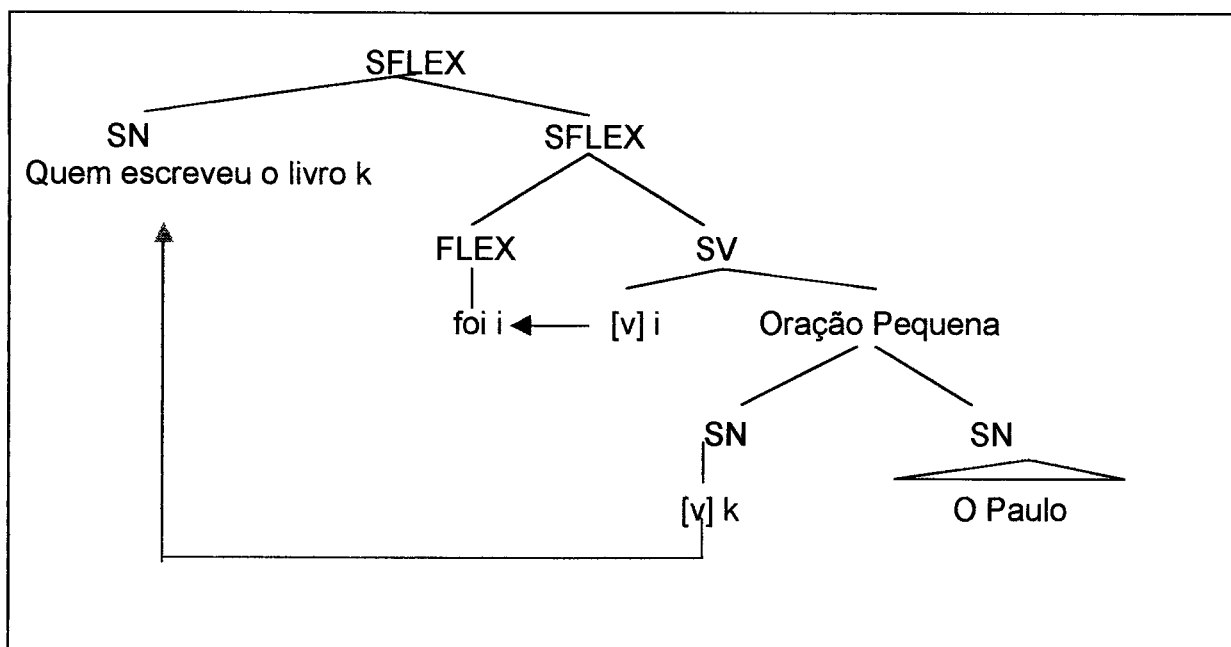
Deste modo, adopta-se a estrutura sintáctica básica seguinte para as frases pseudo-clivadas:



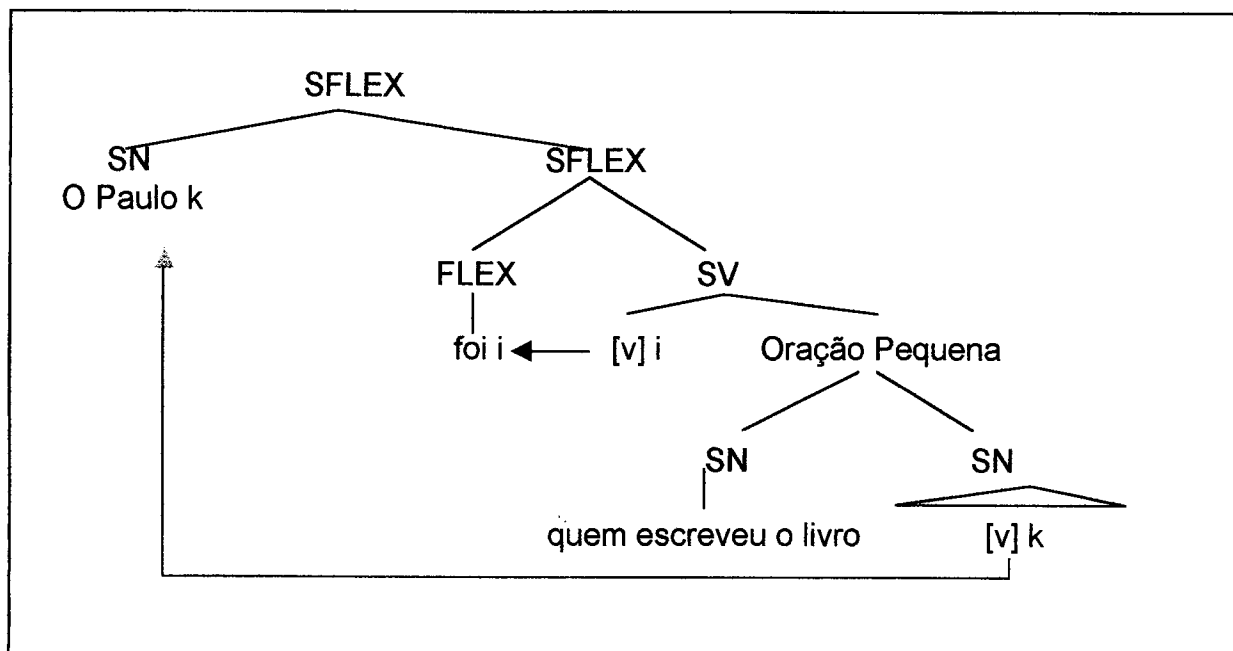
¹³ Cf Costa e Duarte 2001

Se o SN e a oração relativa livre¹⁴ forem os dois membros da oração pequena seleccionada pelo verbo **ser**, então, tal como nas orações identificacionais, podemos supor que tanto o SN como a oração relativa livre podem ocupar a posição de sujeito dando assim origem a uma frase pseudo clivada como (17a) e (18a) ou a uma frase pseudo clivada invertida como (17b) e (18b). Se se tratar da elevação da oração relativa livre para a posição de sujeito frásico (a posição de especificador de SFLEX) estamos perante uma frase pseudo clivada e se a mesma posição for ocupada pelo outro SN estamos perante uma frase pseudo clivada invertida.

Vejamos as estruturas sintácticas correspondentes:



¹⁴ Não é analisada a estrutura sintáctica interna da oração relativa livre. (cf. Brito 91, cap. 4)



3.4. Construções clivadas

Tal como se pode fazer para as frases pseudo clivadas, pode-se estabelecer um paralelo entre as frases clivadas e as frases identificacionais e predicativas com o verbo **ser**¹⁵. Tomemos as seguintes frases de tipo clivado:

(19) Foi o Nuno quem discursou.

(20) Foi o Nuno que discursou.

Dado que as frases começam por uma forma do verbo **ser** sem sujeito expresso à esquerda, é novamente possível propor para as frases como (19) uma estrutura com a posição de sujeito vazia; mais uma vez, o verbo **ser** selecciona uma oração pequena em que os dois membros são “o Nuno” e “quem discursou”.

Segundo Costa e Duarte 2001, as frases clivadas podem subdividir-se em frases clivadas-Q e frases clivadas básicas. (19) é uma frase clivada-Q e (20) uma frase clivada básica. Aquilo que as diferencia é a utilização de um morfema Q em (19) e a utilização do complementador em (20). Note-se que apenas em (19) é possível a movimentação “aleatória” de um dos membros da oração pequena. Se movimentarmos o primeiro membro, “O Nuno”, obtemos a frase “O Nuno foi quem discursou.” Mas se movimentarmos o segundo termo, “quem discursou”, a frase seria “Quem discursou foi o Nuno”. Com estas movimentações, da estrutura subjacente de uma frase clivada-Q obteríamos duas frases pseudo-clivadas sobre as quais já falámos no ponto anterior.

Interessa aqui referir este facto pois com a frase (20) já não é possível movimentar os membros da oração pequena, pois resultariam duas frases agramaticais:

(21) *O Nuno foi que discursou.¹⁶

¹⁵ Cf. Costa e Duarte 2001.

¹⁶ Este tipo de exemplo pode ser ouvido num discurso oral pouco cuidado.

(22) *Que discursou foi o Nuno.

Por esta razão, há que explorar com mais detalhe a sintaxe destas construções. É o que se fará nos pontos seguintes.

3.4.1. Frases clivadas-Q

Na sequência do que foi dito sobre o exemplo (22), a frase clivada-Q tem como característica a presença de um morfema-Q (o que; quem; a quem; onde; quando).

(23) Foi um livro o que eu comprei.

(24) Fui eu quem telefonou.

(25) Foi o Nuno a quem falei.

(26) É no cinema onde o vejo mais.

(27) Foi ontem quando lhe falei.

Nestes casos, e como já foi dito anteriormente, a movimentação de qualquer um dos SNs que constituem a oração pequena para a posição que antecede o verbo **ser** seria possível dando origem a orações pseudo-clivadas ou orações pseudo-clivadas invertidas:

(23a) Um livro foi o que eu comprei.

(23b) O que eu comprei foi um livro.

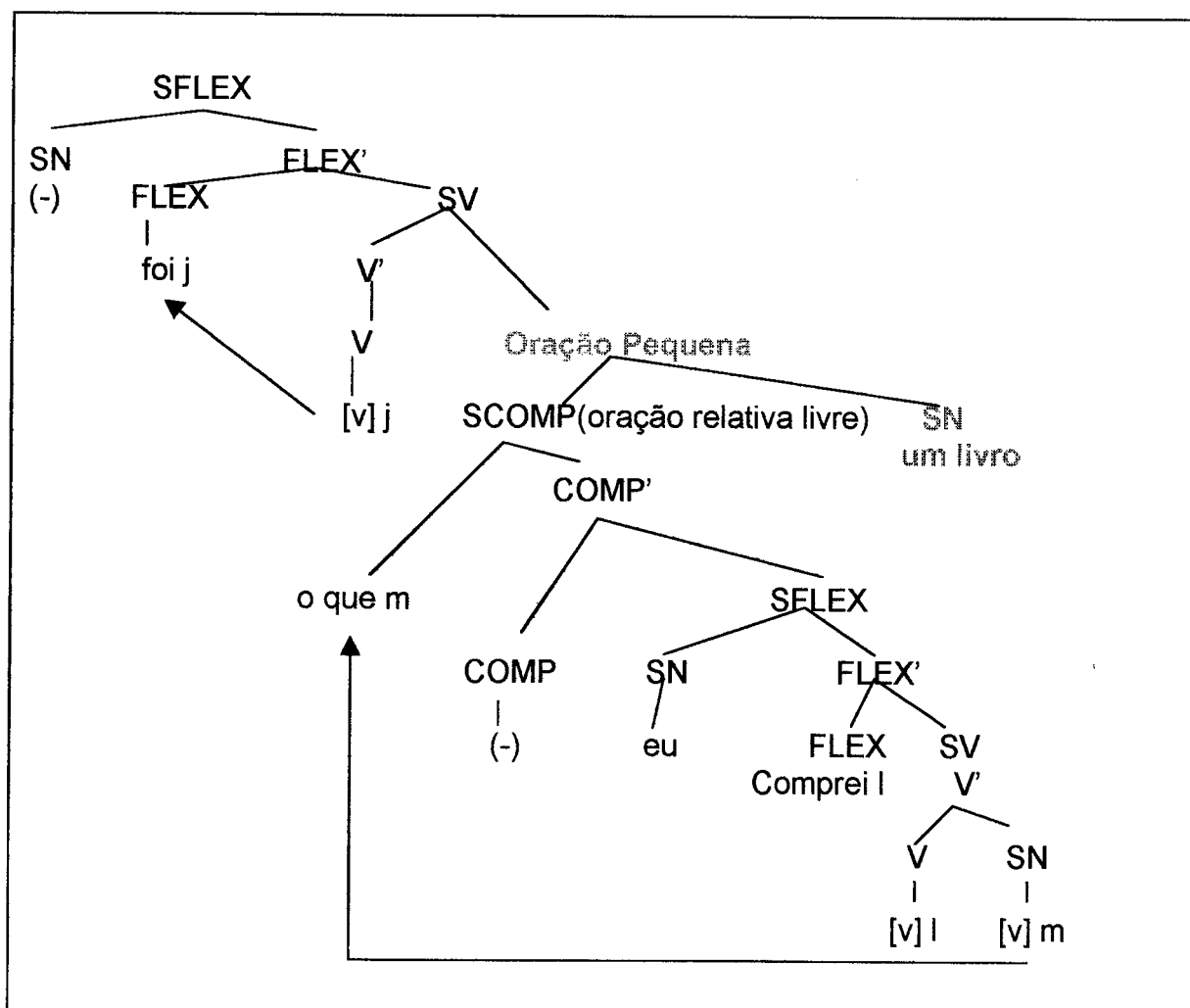
(24a) Eu fui quem telefonou.

(24b) Quem telefonou fui eu.

No entanto, nos exemplos (23)-(27) é o verbo **ser** que inicia a construção e há uma expressão nominal entre o verbo **ser** e a oração relativa livre. Como explicar esta ordem de palavras?

Verbo ser + expressão nominal + oração relativa livre		
Foi	um livro	o que eu comprei.

De acordo com Costa e Duarte 2001, o verbo **ser** continua aqui a seleccionar uma oração pequena em que os dois membros são uma relativa livre e um SN (por esta ordem). Nos exemplos (23) e (24): “o que eu comprei”; “quem telefonou” como sujeitos da oração pequena e “um livro”; “eu” como predicado da oração pequena. Vejamos a estrutura:



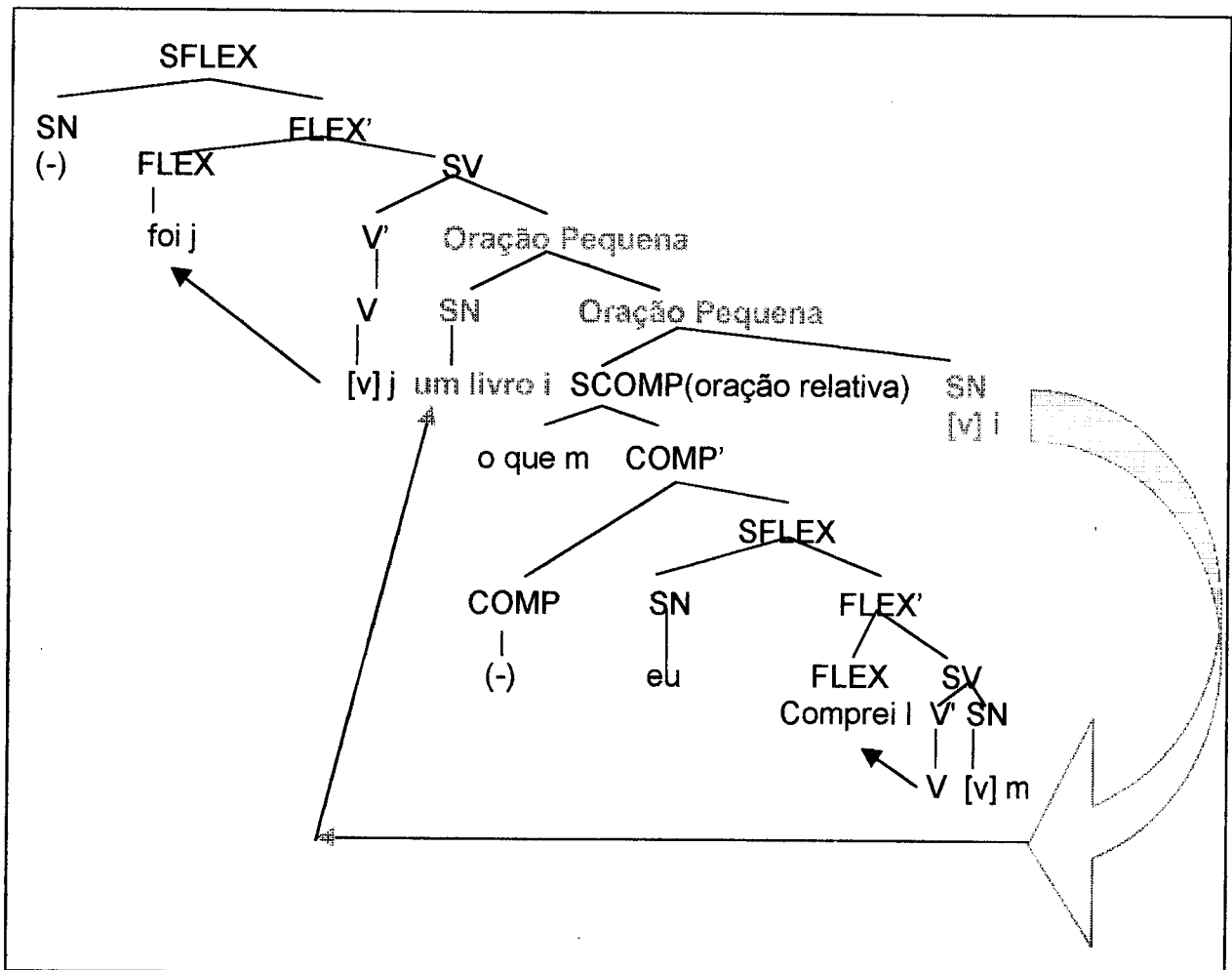
Se não houvesse qualquer movimento a estrutura faria derivar frases agramaticais como (28) e (29):

(28)*Foi o que eu comprei um livro.

(29)*Fui quem telefonou eu.

Para dar conta da ordem verbo ser+SN+oração iniciada por Q, exemplificada nas frases (23) e (27), Costa e Duarte 2001 propõem um movimento de modo a justificar a anteposição do sintagma nominal.

Os autores propõem que há um movimento do SN para uma posição intermédia. Sustentam ainda que tal movimento é uma adjunção do SN à oração pequena por "scrambling".



A plausibilidade do “scrambling” proposto por Costa e Duarte 2001 assenta basicamente em duas razões: o “scrambling” é movimento A-barra e exhibe efeitos de reconstrução; e está associado a um processo que retira constituintes não focalizados (informacionalmente) da posição mais à direita da frase. No que diz respeito à primeira razão, aceita-se aqui a posição e a argumentação dos autores. Com efeito, parece haver a criação de uma posição intermédia por adjunção à oração pequena e essa posição parece ser não argumental. No entanto, a segunda razão merece alguma atenção e será discutida após a apresentação das frases clivadas básicas (com que).

3.4.2. Frases clivadas básicas

Vejam agora o que se passará com as frases clivadas básicas. As frases clivadas básicas são caracterizadas por conterem a forma invariável “que” e não um morfema-Q como nas frases anteriores, independentemente da relação lexical/temática que o sintagma à sua esquerda mantém com o verbo da oração iniciada por “que”.

Nas frases clivadas, o “**é que**” é descontínuo visto ser constituído pela forma verbal plena, **ser**, e pela palavra “que”. (ver adiante a discussão sobre a natureza de “que”)

Tanto as estruturas “ser ... que X “ (frase clivada básica); “ser ... palavra-Q” (frase clivada-Q) revelam que o verbo **ser** é variável quanto ao tempo, pessoa e número. Se a forma a seguir for “que” estamos perante uma palavra que parece ser o complementador; invariável; se for a forma “o que”, “quem”, etc, então estamos perante um morfema WH (Qu-).

(30) Foi tristeza que o Nuno sentiu.

(31) É de cinema que ele gosta.

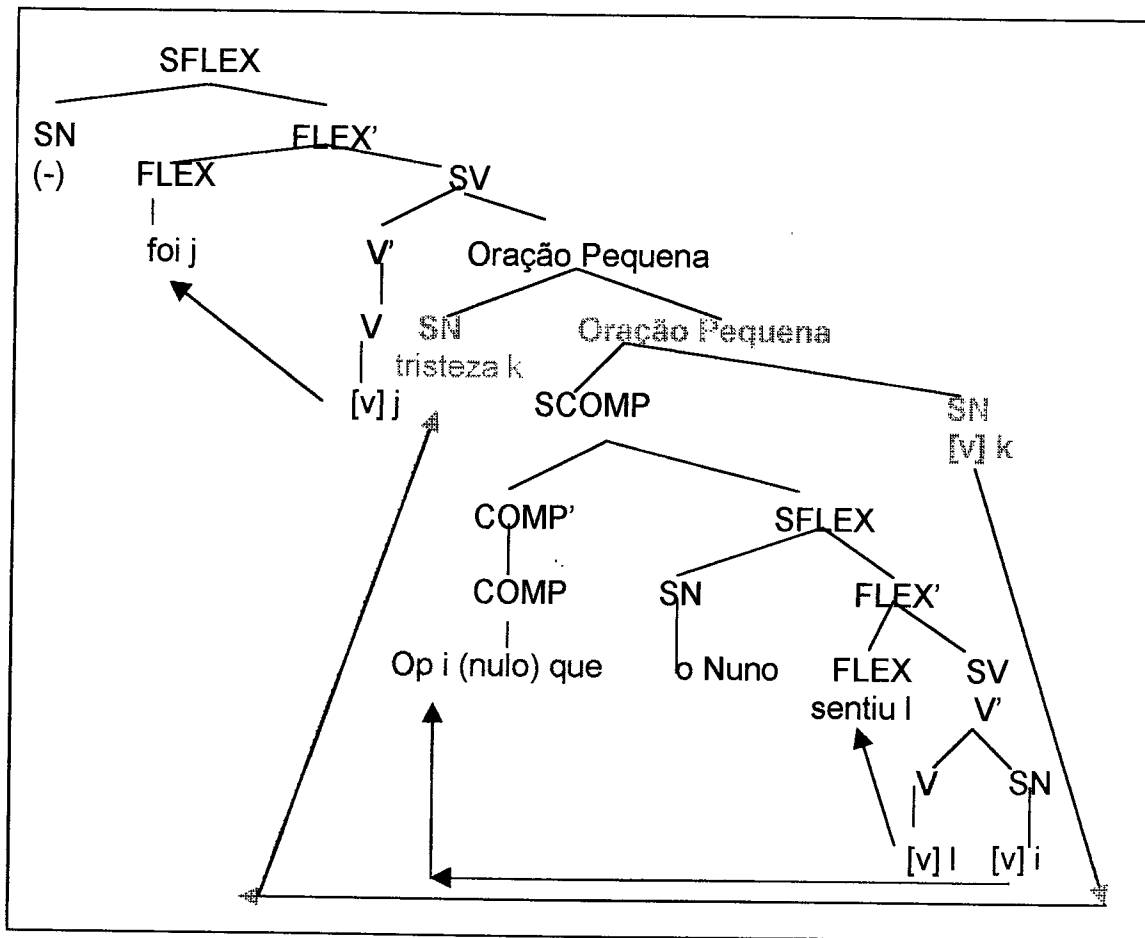
(32) Foi ao Hugo que ele convidou.

(33) Foi ontem que ele chegou.

(34) Foi ao teatro que ela foi.

(35) Foram eles que chegaram.

Costa e Duarte 2001 sustentam que a estrutura das construções clivadas básicas, com “que”, é basicamente semelhante à das frases clivadas-Q: o verbo **ser** selecciona uma oração pequena em que os dois membros são, por exemplo relativamente à frase (30), “que o Nuno sentiu” e “tristeza”:



3.4.2.1. A natureza do constituinte à esquerda de “que”

Voltemos agora à análise da segunda razão apontada por Costa e Duarte 2001 a favor do “scrambling”: os autores sustentam que o constituinte à esquerda de “que” é não focalizado, sendo assim possível retirá-lo da posição mais à direita da frase. Interessa aqui saber qual a natureza do constituinte à esquerda de “que”, se é foco informacional ou não.

Antes de mais, é importante retomar a definição de **foco** já apresentada: foco é uma função discursiva, constituindo a parte sobre a qual incide a informação nova e é dependente do contexto. De modo a determinar a identificação do constituinte foco é necessário recorrer ao teste de perguntas e respostas. Atentemos na seguinte frase:

(36) A Paula escreveu um livro.

Através de perguntas diferentes podemos obter respostas diferentes, ou seja, focos diferentes, neste caso marcados prosodicamente:

Pergunta	Resposta	Foco
O que é que aconteceu?	A Paula escreveu um livro.	A totalidade da frase
Quem escreveu o livro?	A PAULA(escreveu um livro.)	A Paula
O que é que a Paula escreveu?	(A Paula escreveu) UM LIVRO	Um livro

Concluindo, o foco é um elemento do comentário, ocupa em geral a posição final de frase mas pode ocupar qualquer posição na frase desde que destacado prosodicamente e em função do contexto em que está inserido.

Para determinar o foco, no caso de construções **SX palavra Q/que...**, vamos de novo recorrer ao teste das perguntas e respostas. Veja-se o quadro seguinte:

Pergunta	Respostas	
	Não redundantes	Redundantes
O que é que o Nuno sentiu?	(Sentiu) tristeza	Foi tristeza que o Nuno sentiu.
Do que é que ele gosta?	(Gosta) de cinema	É de cinema que ele gosta.
Quem é que ele convidou?	(Convidou) o Hugo	Foi ao Hugo que ele convidou.
Quando é que ele chegou?	(Chegou) ontem	Foi ontem que ele chegou.
Onde é que ela vai?	(Vai) ao teatro	É ao teatro que ela vai.
Quem chegou?	(Chegaram) eles	Foram eles que chegaram.

Dado que às perguntas apresentadas à esquerda é possível responder das duas maneiras, conclui-se que nas frases com **ser SX pal. Q/que F** apresentadas, os SPREPs/SNs à direita de **ser** e à esquerda de **que** constituem o foco da informação, o que descrevemos no quadro que se segue:

Exemplos	Foco	Funções sintácticas/temáticas correspondentes na oração iniciada por “que”
Foi tristeza que o Nuno sentiu.	tristeza	SN – objecto directo
É de cinema que ele gosta.	de cinema	SPREP - oblíquo
Foi ao Hugo que ele convidou.	ao Hugo	SPREP – objecto indirecto
Foi ontem que ele chegou.	ontem	SADV de tempo - locativo
É ao teatro que ela vai.	ao teatro	SADV de espaço - locativo
Foram eles que chegaram.	eles	SN – sujeito

De acordo com os testes de perguntas/respostas apresentados acima, e como se descreve no quadro anterior, o foco ocupa uma posição central nas frases clivadas seguindo o verbo **ser** e assume qualquer função sintáctica/temática relativamente à oração iniciada por "que".

Ora, a apresentação feita contraria a análise de Costa e Duarte 2001 de perguntas e respostas sobre a identificação de foco nas frases **ser x que+frase**. De modo a tornar clara a exposição dos autores, passamos a expor os respectivos testes, em que os autores consideram agramaticais as respostas que retiram o constituinte foco da posição mais à direita de frase, como é representado no quadro que se segue, em particular a primeira e quarta caixa; no próprio quadro inserem-se observações críticas que vêm apoiar a proposta anteriormente apresentada.

Perguntas	Respostas/Juízos de gramaticalidade dos autores	Observações críticas
Quem é que o Pedro conhece bem?	<p>O Pedro conhece bem a Maria.</p> <p>*O Pedro conhece a Maria bem.</p>	<p>- "a Maria" é foco informacional (responde a "quem")</p> <p>- ambas as frases são aceitáveis como resposta à pergunta (o foco "Maria" parece ser movido na segunda frase se bem é adjunto a SV)</p>
Como é que o Pedro conhece a Maria?	<p>O Pedro conhece a Maria bem.</p> <p>*O Pedro conhece bem a Maria.</p>	<p>- o foco informacional é "bem" (responde a "Como?")</p> <p>- a frase considerada como agramatical pelos autores é ainda mais espontânea e aceitável que a primeira</p>
O que é que fizeram à Maria?	<p>Foi a Maria quem o João matou.</p> <p>Foi a Maria que o João matou.</p>	<p>- as respostas mais naturais à pergunta em questão seria "Mataram-na"; "Mataram" ou "Alguém matou(-a)"</p> <p>- as respostas dadas não são naturais como resposta à pergunta que os autores dão</p> <p>- o foco é (alguém) <u>matou-a</u>.</p> <p>- como resposta forçada mas mais lógica que a apresentada podia ser: Foi <u>matar</u> o que fizeram à Maria</p>
Quem é que o João matou?	<p>*Foi a Maria quem o João matou.</p> <p>*Foi a Maria que o João matou.</p>	<p>- ambas as respostas me parecem aceitáveis como resposta à pergunta apresentada</p> <p>- o foco informacional é "a Maria"</p> <p>- a resposta imediata/mais natural seria "A Maria" (resposta não redundante) ou então "O João matou a Maria." (como resposta redundante)</p>

A apresentação das observações críticas na última parte deste quadro mostra que discordamos da identificação de foco nas construções clivadas feita por Costa e Duarte 2001. Nessa medida consideramos que em construções clivadas o SX que segue o verbo **ser** e precede “que” é o foco das construções.

3.4.2.2. Que – complementador?

Assumimos aqui, tal como Costa e Duarte 2001, que “**que**” é a mesma forma do complementador, uma forma invariável, estereotipada, que, se ausente, provoca agramaticalidade na frase:

(37) *É tristeza o Nuno sente.

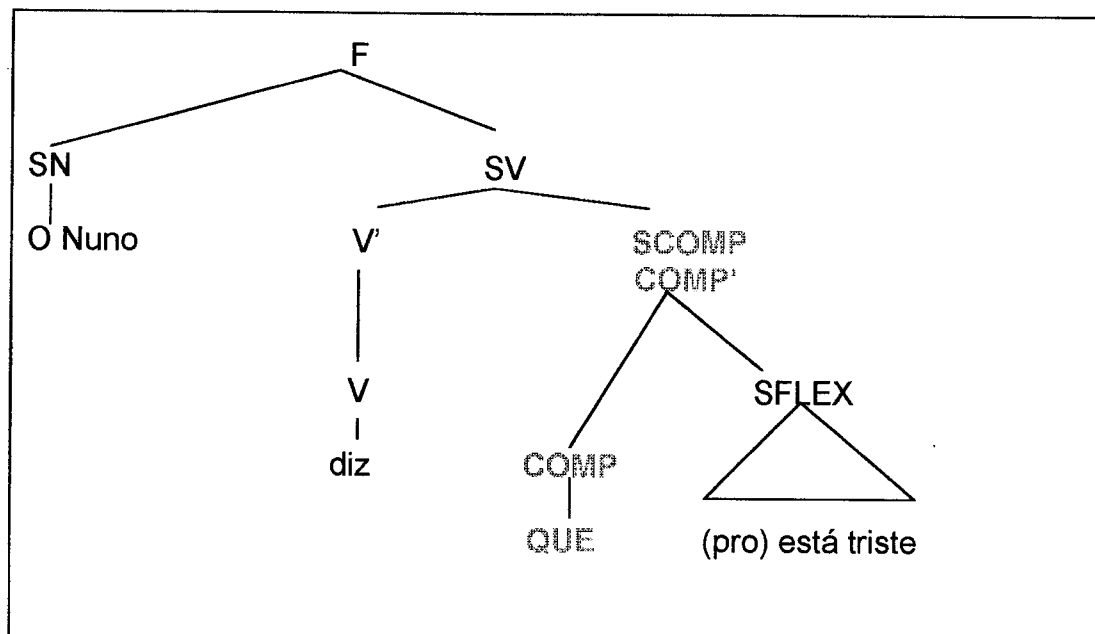
(38) *Foi ao cinema eu fui.

(39) *Foi o João telefonou.

Não se trata de um pronome relativo ou de uma partícula isolada, parecendo ser então a mesma forma do complementador **que**. Isto não quer dizer que este “**que**” tenha as mesmas propriedades e funções do conector/complementador que, como na seguinte construção de complementação:

(40) O Nuno diz que está triste.

Em termos gerais é a seguinte a estrutura sintáctica do exemplo (40):



Como dissemos acima, à partida poderiam colocar-se outras hipóteses para dar conta da forma das orações clivadas.

A inserção da forma **ser-Q** foi uma das primeiras hipóteses apresentadas (Casteleiro 1976), no entanto, não é uma hipótese defensável visto que as teorias sintácticas actuais não prevêem inserções.

A solução que consistiria na identificação de clivadas com frases relativas com antecedente é de rejeitar, uma vez que a construção nem tem propriedades de relativa restritiva nem de relativa apositiva. Uma das razões principais para a não aproximação entre relativas e clivadas é que neste tipo de construções surge sempre “que”, independentemente das funções sintácticas/temáticas dos constituintes envolvidos.

De facto, este **que** pode estar associado a construções em que o constituinte focalizado tem as funções de sujeito, objecto directo ou outras; já nas orações relativas temos **que** (SU/OD), **a quem** (OI), **onde** (oblíquo locativo), etc. O morfema relativo (**que, quem, o que, por que**) conforma-se às funções desempenhadas pelo próprio morfema.

Nas clivadas, o constituinte à esquerda de “que” tem funções sintácticas variadas que correspondem às diferentes funções sintácticas de um constituinte do interior da oração de “que”; logo, mais um argumento para não estarmos perante orações relativas. Por outro lado, nas relativas há sempre duas orações, dois predicados verbais distintos; nas clivadas, embora haja uma estrutura bi-oracional, como vimos, elas são sempre convertíveis numa só predicação. (cf. “O Nuno sentiu tristeza”, “Foi tristeza que o Nuno sentiu”.)

CAPÍTULO IV

Construções com “é que” contínuo

Neste capítulo pretende-se apresentar construções com “é que” contínuo¹⁷ existentes e ainda dar resposta a questões como: Qual a natureza de “é que” contínuo? Será “é que” uma expressão não segmentável ou resultante de um processo de reanálise? Sendo um morfema só, qual será a sua posição? Sendo dois morfemas, como justificar a sua combinação?

4.1. Tipos de “é que” contínuo

Como já foi visto no capítulo anterior, além de ser uma expressão de realce¹⁸, “é que” é utilizada para marcar o foco. Conforme a natureza contínua ou descontínua de “é que” assim o foco parece ser o constituinte à esquerda de “é que” ou é o constituinte entre a forma verbal **ser** e o “que”. Quer dizer, com a construção “é que” ou “é ...que” o foco parece ocupar a posição à esquerda da sequência ou do verbo **ser** e não a posição de final de frase.

O “é que”, como morfema contínuo, apresenta três “variedades”: pode ser interrogativo, enfático/focalizador e apresentador de frase¹⁹. Seguem-se alguns exemplos das três variedades:

- (1) Mas o que é que esta a acontecer às mulheres portuguesas no final do milénio?
- (2) Como é que desde há mais de um milénio se faz a extracção do sal?
- (3) Porque é que esse pormenor não foi revisto?

¹⁷ A designação de “contínuo” é aqui adoptada para distinguir a construção “é ...que”, independentemente de sabermos qual a análise mais adequada.

¹⁸ As noções de realce e de foco estão muito próximas mas **realce** parece ser mais do que **foco**. Assim, **realce** é o alvo de atenção dos intervenientes na produção e interpretação de um texto; é o contraste ou ênfase numa dada informação enquanto **foco** consiste na informação nova que está dependente do contexto.

- (4) Como é que pode dar-se atenção a um aluno com dificuldades na aprendizagem?
- (5) A minha mãe é que sabe.
- (6) Ela é que teve a ideia desta consulta.
- (7) O antigo namorado dela é que se meteu comigo.
- (8) E isto é que é Girl Power!
- (9) As pessoas já estão gravemente doentes. É que aparece a sintomatologia depressiva.
- (10) O ensino vai mal. É que o Ministério da Educação dispõe dos professores como lhe dá mais jeito.
- (11) Sou feliz. É que tive um pouco de tudo.
- (12) Estão todos muito ocupados. É que o museu deve instalar-se o quanto antes.

Visto o “é que” interrogativo revelar características distintas dos restantes “é que”, será apresentado em primeiro lugar; seguir-se-á a apresentação do “é que” enfático e do “é que” apresentador de frase. Apresentaremos no final construções que em muito se aproximam ao “é que” enfático e ao “é que” apresentador de frase.

¹⁹ Mais uma vez esta afirmação é feita independentemente de sabermos se os três “é que” estão ou não relacionados sintacticamente.

4.1. "É que" interrogativo

Os exemplos (13)-(27) são ilustrações da utilização de "é que" interrogativo:

(13) Que artigos o Diogo escreveu?

(14) Que artigos escreveu o Diogo?

(15) Que artigos é que escreveu o Diogo?

(16) Que artigos é que o Diogo escreveu?

(17) *Onde vocês foram?

(18) Onde é que vocês foram?

(19) Onde foram vocês?

(20) * O que a Rita fez?

(21) O que fez a Rita?

(22) * Quem a Rita viu?

(23) Quem viu a Rita?

(24) Que artigos é que o Diogo escreveu?

(25) Que discos é que o Pedro comprou?

(26) Que títulos é que leste no jornal?

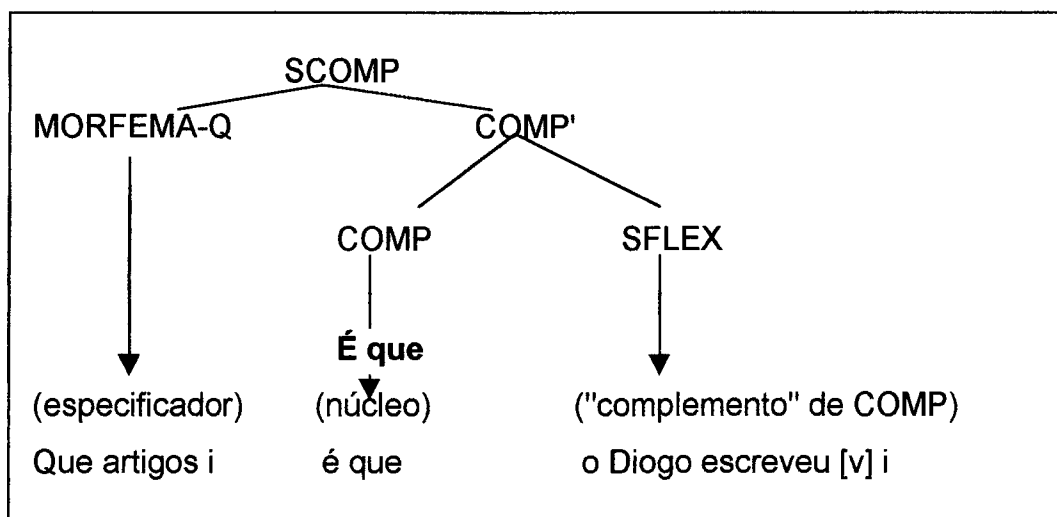
(27) Que livro é que ofereceste?

Do ponto de vista da ordem de palavras o "é que" interrogativo opera em correlação com a regra de "inversão do sujeito", uma vez que, quando existe "é que" como em (15), (16), (18), (24)-(27), não obriga à alteração da ordem de palavras mas quando não ocorre, como em (13), (14), (19), (21) e (23), há, em geral, mudança da posição das palavras (pelo menos, na variante do Português Europeu).

O "é que" interrogativo aparece ligado aos pronomes e advérbios interrogativos que se movem para uma posição A', posição não argumental, de modo a obter o escopo dominante da frase²⁰.

A expressão "é que" parece ocupar a mesma posição do complementador, isto é, a posição de núcleo de SCOMP, estando o morfema-Q à esquerda, uma posição de ESP de SCOMP. Recorde-se que o "é que" interrogativo é um processo de interrogação que não leva necessariamente à "inversão de sujeito".

De acordo com a hipótese de "é que" ocupar a posição de COMP a estrutura sintáctica (simplificada) seria, assim, a seguinte (cf Ambar 1992):



²⁰ O movimento dos morfemas interrogativos parece ser opcional uma vez que há interrogativas sem movimento: "O Diogo escreveu o quê?", "Leste o quê no jornal?". Ver Raposo 1992, Cap. 4, Brito 1991, Cap. 1 e Mateus et alii 1989, Cap. 10.

Os exemplos mostram que, nalguns casos, a inversão é obrigatória, (veja-se (17) e (19), (20) e (21)), noutros é opcional, como em (13) e (14). Segundo Ambar 1992, a obrigatoriedade/opcionalidade relaciona-se com a natureza dos morfemas interrogativos: se forem simples, como o que, quem, onde, porque, obrigam à inversão; se complexos como que artigos a inversão é opcional. Quando há inversão de sujeito obrigatória, como em (19) e (21), o verbo sobe porque existe em especificador de S_{COMP} uma categoria vazia que precisa de ser regida. Ambar diz que onde corresponde a [onde [v]]; tal categoria vazia no constituinte-Q interrogativo existirá, segundo a autora, em qualquer elemento-Q que não integre um N foneticamente realizado; em (13) e (14) não havendo tal categoria vazia, o movimento do V não opera e não há portanto alteração obrigatória da ordem de palavras.

Se "é que" e o verbo coexistissem em COMP, isso iria contra a proposta de Chomsky 1981 que diz existir um filtro contra a coexistência de dois elementos/constituintes em COMP, o filtro de COMP duplamente preenchido.

Por isso, relativamente a (15) que tem "é que" e a ordem V SU, Ambar 92 propõe que há verdadeira inversão de sujeito (movimento do SN para a direita) e não movimento do verbo para COMP. (questão que não discutirei aqui)

A agramaticalidade em (17) deve-se à não ocorrência de "é que" e ao facto de o V não se ter movido. Podemos assim concluir que "é que" não é uma expressão qualquer e sem importância visto que é necessário para a formação de orações interrogativas, constituindo além disso um processo relevante para a identificação do foco da interrogação.

4.2. "É que" enfático / focalizador

O seguinte conjunto de exemplos ilustra o uso do "é que" enfático/focalizador:

(28) Este automóvel é que é uma máquina.

(29) A Maria é que ficou constrangida.

(30) Eles é que sabem cantar.

(31) Leite é que ele bebeu.

(32) À Joana é que ele ofereceu rosas.

(33) Para Londres é que eles foram.

(34) Da rua é que ela chegou.

O "é que" enfático/focalizador é um processo de clivagem que pode separar quer o sujeito do predicado como (28), (29) e (30), quer constituintes com funções sintáticas para além do sujeito como em (31)-(34), enfatizando o sintagma à sua esquerda.

Este tipo de "é que" parece formar um todo invariável; entre as suas propriedades podem apresentar-se as seguintes: "é que" enfático/focalizador pode ser suprimido, como um todo, como podemos ver nos seguintes exemplos:

(35) Este automóvel é uma máquina.

(36) A Maria ficou constrangida.

(37) Eles sabem cantar.

(38) Leite ele bebeu.

(39) À Joana ele ofereceu rosas.

(40) Para Londres eles foram.

(41) Da rua ela chegou.

O verbo **ser** é invariável, quer o constituinte à esquerda de "é que" seja singular quer seja plural, como se pode ver em (28) e (30), ao contrário do "é que" descontínuo, analisado no capítulo III. O verbo **ser** mantém a sua forma "é", que não se separa de "que"; por isso a expressão parece não ser constituída pelo verbo **ser** na sua forma plena e "que" mas ser uma só partícula, insusceptível de segmentação, hipótese que será discutida adiante.

Em frases simples suprimir "que" é impossível porque daria frases semi pseudo-clivadas agramaticais; vejamos-se os exemplos:

(42) *Este automóvel é é uma máquina.

(43) *A Maria é ficou constrangida.

(44) *Eles é sabem cantar.

(45) *Leite é ele bebeu.

(46) *À Joana é ele ofereceu rosas.

(47) *Para Londres é eles foram.

(48) *Da rua é ela chegou.

A supressão de "é" é igualmente impossível porque o "que" confundir-se-ia com "que" relativo e nesse caso a frase ficaria incompleta:

(49) *Este automóvel que é uma máquina.

(50) *A Maria que ficou constrangida.

(51) *Eles que sabem cantar.

(52) *Leite que ele bebeu.

(53) *À Joana que ele ofereceu rosas.

(54) *Para Londres que eles foram.

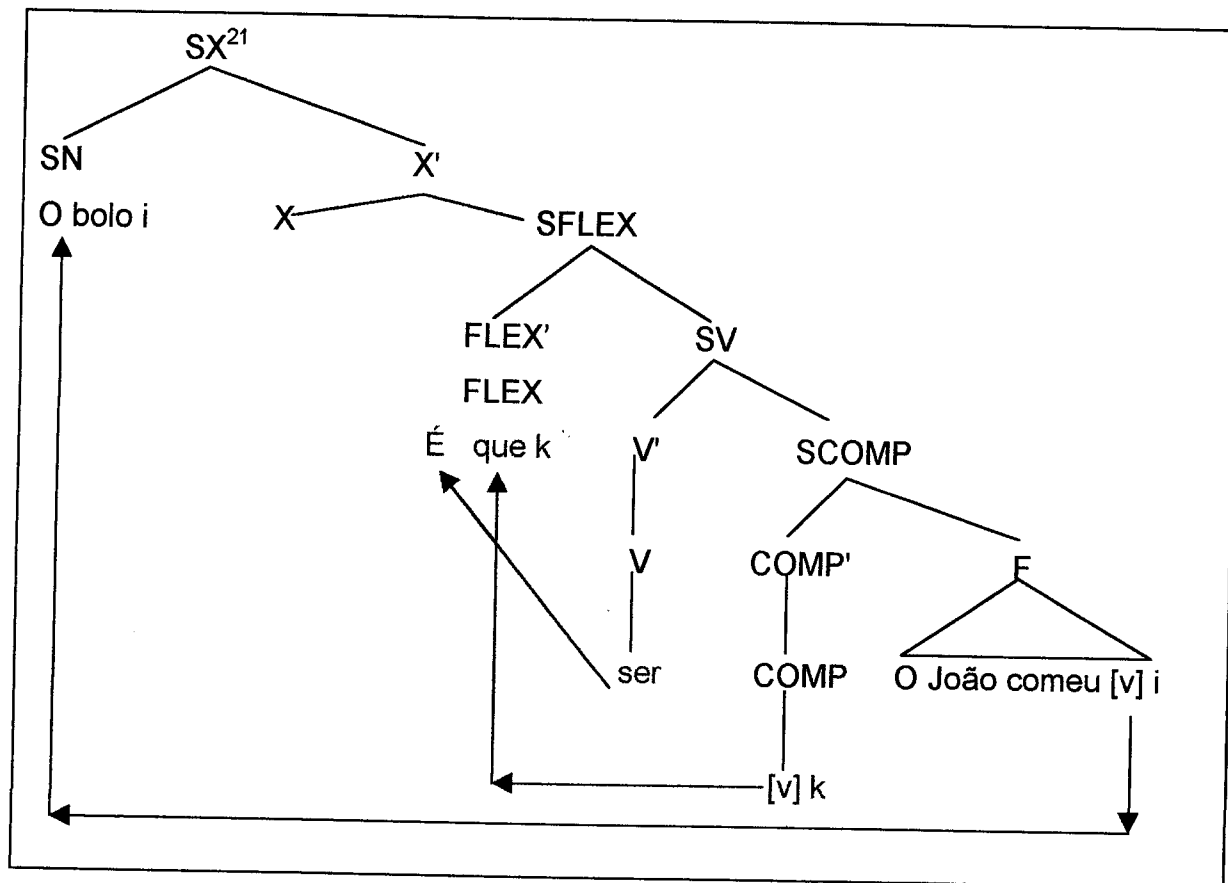
(55) *Da rua que ela chegou.

O constituinte à esquerda de "é que" pode ser de várias categorias e ter várias funções sintáticas. Vejam-se os exemplos (28)-(34): em (28) e (31), o constituinte à esquerda de "é que" é OD; em (29) e (30), é SU; em (32), é OI e em (33) e (34) é locativo.

A hipótese tradicional sobre este fenómeno (ver por exemplo Casteleiro 1976) é a inserção de "é que", mas onde seria inserida a sequência/combinção e qual seria o motivo desta inserção? Visto que a teoria actual da Sintaxe Generativa rejeita as inserções e não há motivação para as mesmas, é de rejeitar esta hipótese.

Ambar 1992 apresenta uma hipótese inovadora, segundo a qual pode dar-se entre "é" e "que" um processo de reanálise. Assim, segundo Ambar, "é que" é uma forma que permite lexicalizar núcleos frásicos e só ocorre em contextos em que SCOMP tenha complementador explícito. Existe adjacência entre a forma verbal e "que" e por isso é incorporado na forma verbal. Ambar afirma também que não existe qualquer concordância porque a forma que lexicaliza

FLEX é uma forma reanalizada com "que". Vejamos então a estrutura que Ambar 1992 sugere:



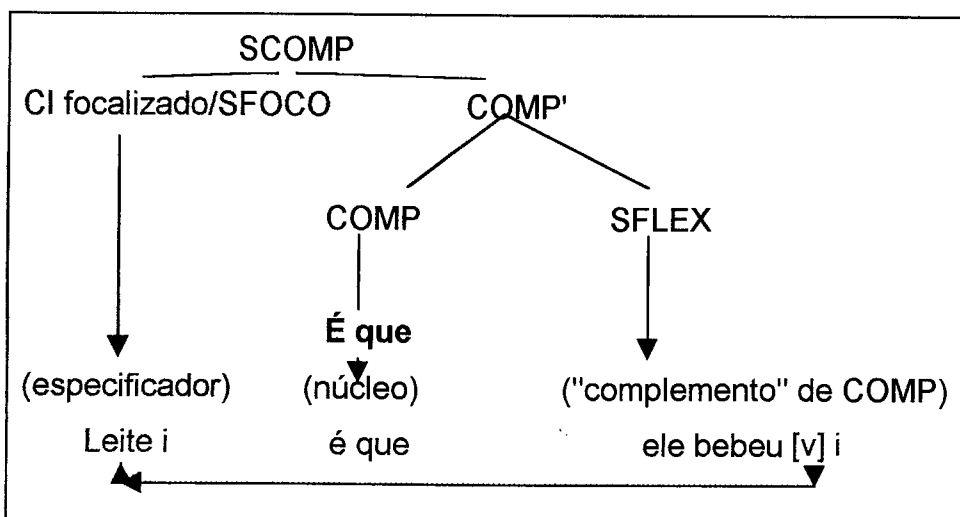
Esta pode ser uma hipótese para explicar a natureza de "é que" e, sendo assim, esta combinação ("é que") não parece ser uma só partícula mas a reunião de duas formas reanalizadas.

Diga-se também que a solução que Ambar propõe não pode verificar-se em clivadas-Q, em clivadas básicas ou em pseudo clivadas pois estas construções contêm um morfema-wh e por isso não é incorporado em FLEX.

Outra hipótese que se afigura possível é o "é que" ser projectado em COMP (núcleo de SCOMP), tendo então a posição de especificador de SCOMP ocupada por um SN (SU, OD OI ou com outra função sintáctica);

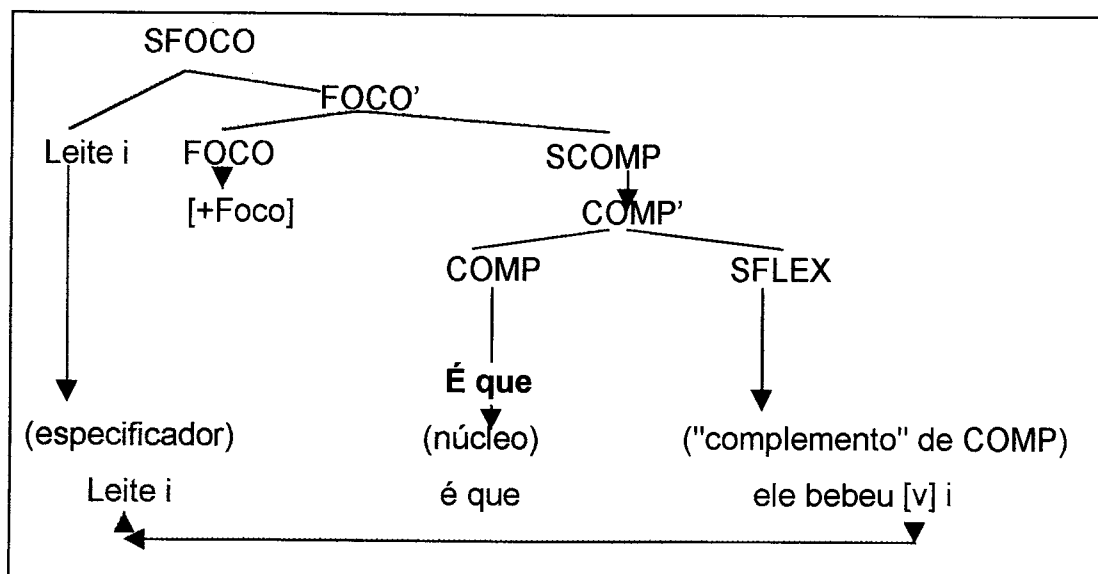
²¹ Nesta fase do trabalho não interessa distinguir a categoria da categoria funcional acima de SFLEX.

nesta hipótese, identifica-se o constituinte foco com um constituinte com características de operador, como acontece nas interrogativas:



Esta hipótese dispensaria o processo de reanálise de "é que" em FLEX, tendo no entanto a desvantagem de utilizar a mesma estrutura para uma frase afirmativa e uma frase interrogativa.

Uma variante desta solução seria considerar que os constituintes à esquerda ocupam uma posição de especificador de SFOCO, por movimento. (cf. Rizzi 1997)



No processo de "clivagem" "é que" ficaria numa posição no interior da oração entre o sujeito ou outro constituinte e o verbo ou o resto da frase:

(56) O Rui é que [v] percebe de electrónica.

(57) As pessoas é que [v] exageraram os factos.

(58) Morangos é que ele adora [v].

(59) À afilhada é que ele ofereceu prendas [v].

As razões da elevação de SN para a posição de especificador de SFOCO nada teriam a ver com razões morfológicas mas com razões discursivas, em particular o facto de o constituinte ser focalizado.

A motivação para a elevação do SN para a posição de SFOCO seria a de verificar um traço de foco forte, [+FOCO].

De acordo com esta análise, "é que" poderia ocupar COMP e por isso o processo de reanálise de "é" e "que" seria em COMP e não em FLEX.

Outra hipótese seria o "é que" enfático, como marcador de foco, ter um comportamento semelhante ao de advérbios como **apenas, bem, mal, somente, já, logo, depressa** entre outros, quando inseridos antes do verbo, como podemos ver nos seguintes exemplos:

(60) O detective é que encontrou o assassino.

(61) O detective logo encontrou o assassino.

(62) O detective depressa encontrou o assassino.

Esta hipótese seria possível de sustentar se tivéssemos em conta apenas a distribuição frásica de "é que" e dos advérbios, ou seja, entre SN e o resto da

frase. No entanto, devemos também ter em conta os valores que são apresentados por “é que” e pelos advérbios.

Os advérbios apresentam valores próprios, temporais, de exclusão ou de modo, tendo assim sentidos diferentes, não deixando de ser uma estratégia de focalização, tal como a expressão “é que”. Veja-se que em (61) o advérbio “logo” expressa um valor de tempo e em (62) o advérbio “depressa” também. Já “é que” não é um elemento de tempo, exclusão ou modo mas um elemento de foco contrastivo. O foco é a informação nova que é posta em contraste, através da construção “é que”, com uma informação específica conhecida ou outra informação nova. Se atentarmos em (60) verificamos que o foco, “o detective”, é um foco específico, ou seja, foi determinado “detective” que encontrou o assassino e não um “detective” qualquer e é “é que” que nos conduz a tal interpretação, enfatizando o constituinte em questão.

De acordo com a hipótese acima apresentada, que, como vimos, tem aspectos discutíveis, “é que” poderia ter-se reanalisado como uma espécie de expressão de tipo adverbial, ocupando uma posição de adjunção a uma categoria funcional, talvez STEMPO, na hipótese de que o V se move, por movimento curto, para TEMPO. (cf. Costa 1998) Mas uma das críticas maiores a esta última hipótese é o facto de esta solução não permitir uma análise unificada das construções de clivagem (cf. Costa e Duarte 2001).

4.3. "É que" apresentador de frase

A classificação deste "é que" como apresentador de frase deve-se ao facto de este ocupar a posição inicial de frase. Veja-se o seguinte conjunto de exemplos:

(63) O caso foi arquivado. É que encontraram o culpado.

(64) O acidente aconteceu. É que o piso estava molhado.

(65) Ele está atrasado. É que há muito trânsito.

(66) O Nuno continua na competição. É que foi repescado.

Tal como podemos verificar pelos exemplos apresentados, "é que" apresentador de frase ocupa a posição de início de frase, fazendo, como que uma "ponte" ou ligação entre duas frases. É de salientar que a posição frásica dos "é que" analisados anteriormente (interrogativo e enfático/focalizador), é mediana, diferindo assim do "é que" apresentador de frase.

Como propriedade comum aos "é que" interrogativo e enfático/focalizador podemos dizer que estes podem ser suprimidos sem que as frases se tornem, em geral, agramaticais. No caso do "é que" apresentador de frase, a supressão é igualmente possível, visto que as frases mantêm a sua gramaticalidade. Vejamos os exemplos que se seguem:

(67) O caso foi arquivado. Encontraram o culpado.

(68) O acidente aconteceu. O piso estava molhado.

(69) Ele está atrasado. Há muito trânsito.

(70) O Nuno continua na competição. Foi repescado.

Note-se que tanto (67)-(70) como (71)-(74) são construções de coordenação assindética, por isso o ponto ou a vírgula são exactamente iguais:

(71) O caso foi arquivado, encontraram o culpado.

(72) O acidente aconteceu, o piso estava molhado.

(73) Ele está atrasado, há muito trânsito.

(74) O Nuno continua na competição, foi repescado.

Mas o aspecto mais importante é que podemos parafrasear as frases por um subordinador sem que se altere o sentido das frases, como ilustram os seguintes exemplos:

(75) O caso foi arquivado porque encontraram o culpado.

(76) O acidente aconteceu porque o piso estava molhado.

(77) Ele está atrasado porque há muito trânsito.

(78) O Nuno continua na competição porque foi repescado.

Repare-se que o “é que” apresentador de frase não pode co-ocorrer com subordinadores / conectores / conjunções. Vejam-se os exemplos:

(79) *O caso foi arquivado porque é que encontraram o culpado.

(80) *O acidente aconteceu porque é que o piso estava molhado.

(81) *Ele está atrasado porque é que há muito trânsito.

(82) *O Nuno continua na competição porque é que foi repescado.

No que diz respeito ao valor semântico expresso pelo “é que” apresentador de frase, podemos dizer que parece ser de causalidade, isto porque “é que” estabelece aqui uma ligação entre as duas frases, ou seja, a segunda frase é a causa da primeira frase:

(83) O caso foi arquivado. É que encontraram o culpado.

F1 → causa → F2

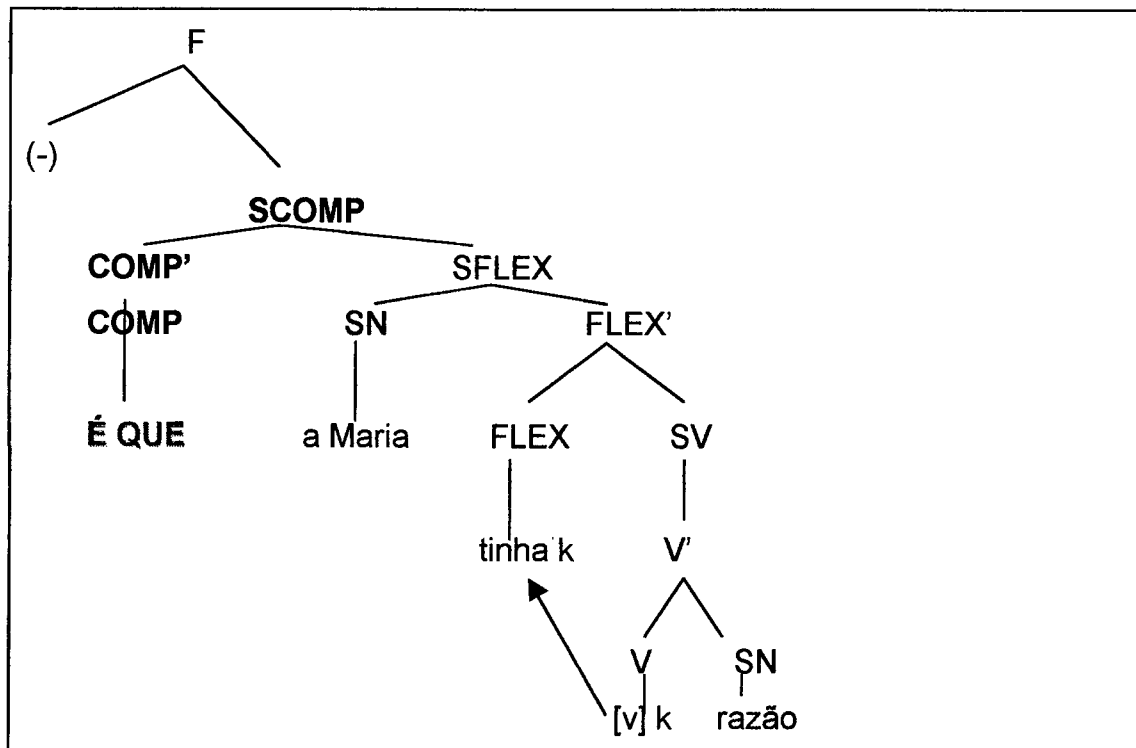
Mas, apesar de encontrarmos este valor causal nestas frases, não podemos afirmar que o “é que” apresentador de frase é o responsável pela expressão deste valor, já que este valor mantém-se mesmo não estando “é que” presente nas frases; de facto, o nexo de causalidade existe também em (67)-(70). Portanto, parece-nos que o valor de causa não é inerente a “é que” mas é expresso devido à contiguidade das duas frases.

Sendo assim, a propriedade semântica fulcral do “é que” apresentador de frase é a de enfatizar o conteúdo da frase à sua direita (F2), pressupondo o contexto expresso pela frase precedente (F1), o que o aproxima do “é que” enfático/focalizador que analisámos no ponto anterior.

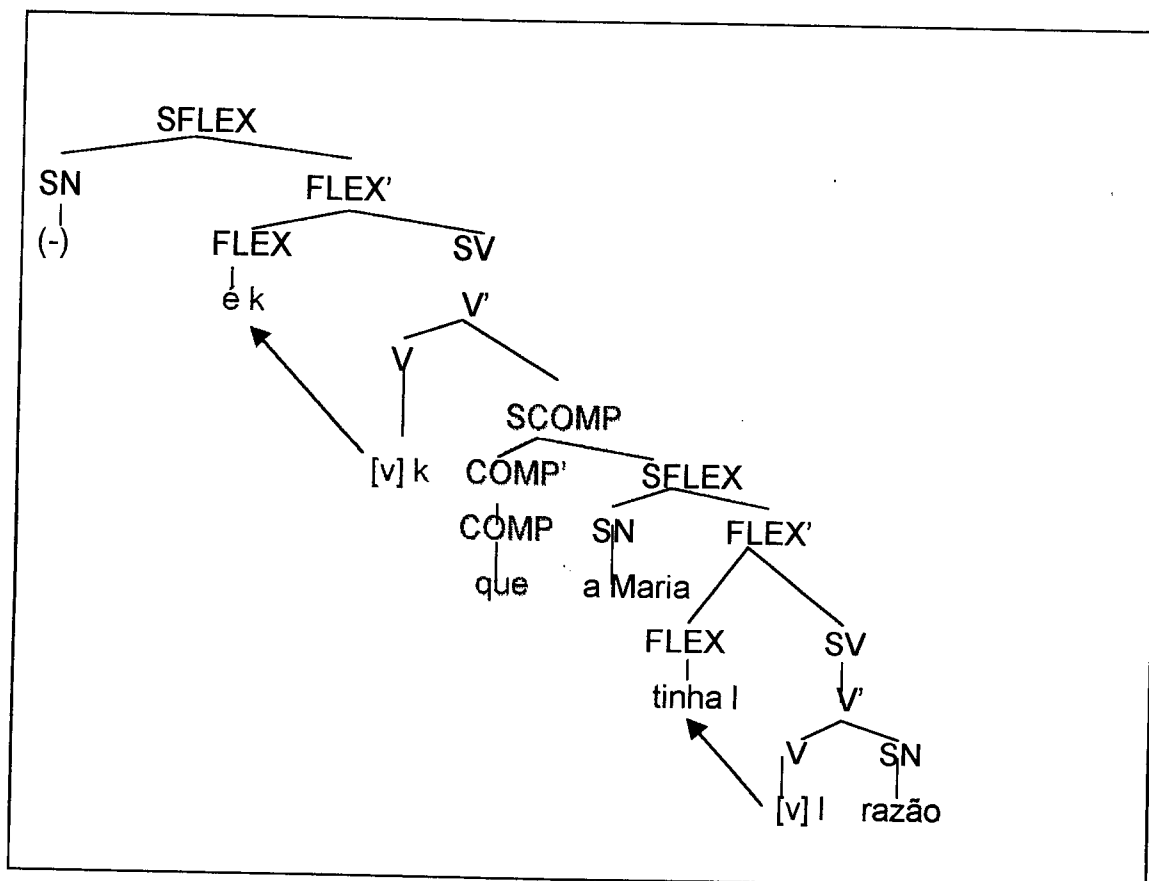
Passemos agora à discussão de algumas hipóteses sintácticas possíveis para o “é que” apresentador de frase. Partimos da seguinte frase:

(84) Eles concordaram. É que a Maria tinha razão.

Uma hipótese que se afigura bastante plausível, dada a impossibilidade de “é que” co-ocorrer com uma conjunção de subordinação, é o “é que” ocupar COMP. Esta estrutura parece possível se assumirmos a posição de que “é que” poderia formar uma partícula só, insegmentável, como aliás já foi sugerido anteriormente, na linha da hipótese da Ambar 1992/1999.



Por outro lado, se sustentarmos a ideia de que "é que" não é um todo mas uma forma segmentável do verbo **ser** com "que", podemos apresentar outra hipótese segundo a qual o verbo **ser** selecciona **SCOMP** e à sua esquerda fica uma posição de **SU** vazia. De acordo com este tratamento não há necessidade da utilização do processo de reanálise de "é que" que foi anteriormente sugerido.



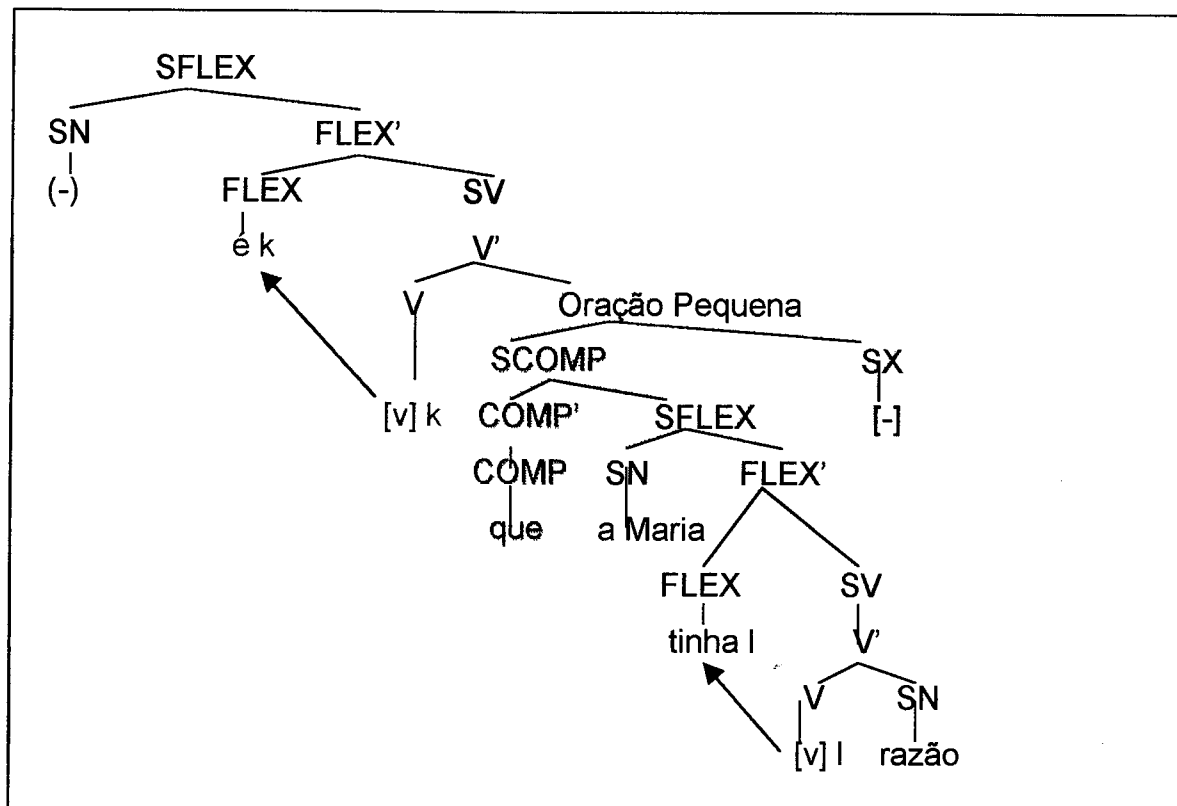
Mas se esta análise é plausível visto que não há nenhum constituinte para além da frase iniciada por “é que”, ela afigura-se problemática, uma vez que nos capítulos anteriores vimos que o verbo **ser** selecciona sempre uma oração pequena com dois membros. Ora acima sugerimos que o verbo **ser** selecciona apenas SCOMP. Por outro lado, se confrontarmos com outras línguas como o Inglês e o Francês, vemos que estas frases são impossíveis e que as únicas frases correspondentes gramaticais são as que têm um SN a anteceder o verbo To be e Être:

(85) C' est que...

(86) Le fait est que...

(87) The fact is that....

Quer dizer, nos nossos exemplos o verbo **ser** também seleccionará dois membros, só que um é nulo:



A propriedade de o verbo **ser** seleccionar SCOMP e um “predicado” nulo da oração pequena parece específica das línguas de sujeito nulo (ver pontos 1.3.5. e 3.2.1. deste trabalho). Em Português há também orações iniciadas por o facto; o certo, como veremos no ponto seguinte.

4.4. Outras construções com “é” ou “é que” enfático/focalizador

Como exemplos de outros casos de “é que” que se aproximam quer do “é que” enfático apresentamos os seguintes:

- (88) Acontece é que as bombas explodem.
- (89) O que acontece é que as bombas explodiram.
- (90) O que dizem é que o stress acumula.
- (91) O que é mais maravilhoso é que a Natureza é justa.
- (92) O que é facto é que o governo está sob pressão.
- (93) O certo é que ele tinha razão.
- (94) A intenção é que cada um escreva um artigo.
- (95) O interessante é que tive um pouco de tudo.
- (96) O problema é que eles assaltaram o banco.

Podemos dividir este conjunto de exemplos em três grupos distintos: (i) os que têm a forma **V + é que + oração**, como em (88); (ii) os que têm uma relativa livre na posição inicial, **o que...+ é que + F**, como em (89)-(92), e (iii) os que se aproximam de uma forma de complementação nominal/adjectival, ou seja, **SN (com nome ou forma nominalizada) + é que + F**, como em (93)-(96).

Atentemos nas seguintes frases que são variantes de (88) e que nos levam a estabelecer determinadas propriedades do grupo (i):

- (97) Acontece as bombas explodirem.

(98) Acontece é as bombas explodirem.

(99) Acontece que as bombas explodem.

(100) Acontece, as bombas explodem.

(101) Acontece porque as bombas explodem.

Como podemos verificar, (98) é variante de (97) e (99) parece uma variante de (88). Em (102), a frase é gramatical logo que tenhamos um infinitivo flexionado; já com um indicativo ou mesmo com um conjuntivo a frase resultaria agramatical:

(102) ?Acontece as bombas explodem.

Mas já o indicativo parece resultar quando a construção deixa de ser uma construção de subordinação completiva para ser uma justaposição de orações como em (100). Poderíamos ainda tentar parafrasear a frase (100) com um subordinador porque como em (101); contudo, subordinador e “é que” não podem co-ocorrer, senão vejamos (103):

(103) *Acontece é que porque as bombas explodem.

Na verdade, (100) e (101) não são paráfrases de (97) e por isso não parecem importantes para compreendermos a estrutura sintáctica de (88).

Em (98) verificamos que, sem o complementador “que”, a frase é válida se seguida de infinitivo flexionado. Note-se ainda que a forma verbal do verbo **ser** não flexiona em número mas em tempo, consoante o tempo da oração principal, como podemos ver nas seguintes frases:

(104) *Acontece são as bombas explodirem.

(105) *Acontece foi as bombas explodirem.

(106) *Acontece são as bombas explodem.

(107) *Acontece foram as bombas explodem.

(108) Aconteceu foi as bombas explodirem.

O uso de “é” em (98) é portanto do mesmo tipo das frases, “Eu como é morangos”, “Ele parece é maluco” e “ Ele mora é em Lisboa”, sendo uma forma de focalização.

Já em (99), temos uma construção de complementação verbal típica, em que o complementador “que” é seguido de indicativo, não podendo ser nem seguido por um infinitivo flexionado, nem por conjuntivo:

(109) *Acontece que as bombas explodirem.

(110) *Acontece que as bombas explodam.

Voltando então a (88): a propriedade mais importante da construção é o facto de a frase ser uma variante de (99) com utilização de uma forma verbal do verbo **ser** junto ao complementador “que”, o que a aproxima de semi-pseudo clivadas.

Atentemos agora no segundo grupo de exemplos, (89)-(92). Repetindo os mesmos testes operados em (88), as propriedades deste segundo grupo são distintas. Vejamos os exemplos que se seguem:

(111) *O que acontece as bombas explodiram.

(112) *O que dizem o stress acumula.

(113) *O que é mais maravilhoso a Natureza é justa.

(114) *O que é facto o governo está sob pressão.

Como podemos ver em (111)-(114), neste tipo de estrutura, “é que” não pode ser suprimido pois a frase resulta agramatical quer se utilize um indicativo quer se utilize um conjuntivo:

(115) *O que acontece as bombas explodem.

A mesma agramaticalidade encontrar-se-ia com exemplos semelhantes a (115) com pausa marcada na escrita por vírgula:

(116) *O que acontece, as bombas explodiram.

(117) *O que dizem, o stress acumula.

(118) *O que é mais maravilhoso, a Natureza é justa.

(119) *O que é facto, o governo está sob pressão.

O mesmo acontece se parafrasearmos as frases com um subordinador causal:

(120) *O que acontece porque as bombas explodiram.

(121) *O que dizem porque o stress acumula.

(122) *O que é mais maravilhoso porque a Natureza é justa.

(123) *O que é facto porque o governo está sob pressão.

A co-ocorrência de “é que” e subordinador está também completamente fora de questão:

(124) *O que acontece é que porque as bombas explodem

Vejamos agora as frases resultantes com a eliminação do complementador “que” e a simples utilização da forma verbal do verbo **ser** :

(125) *O que acontece é as bombas explodiram.

(126) *O que dizem é o stress acumula.

(127) *O que é mais maravilhoso é a Natureza é justa.

(128) *O que é facto é o governo está sob pressão.

Se mantivermos o indicativo ou o conjuntivo, as frases são agramaticais, tal como se pode ver em (125)-(128), mas se utilizarmos um infinitivo flexionado as frases são válidas; senão confirme-se pelos seguintes exemplos:

(129) O que acontece é as bombas explodirem.

(130) O que dizem é o stress acumular.

(131) O que é mais maravilhoso é a Natureza ser justa.

(132) O que é facto é o governo estar sob pressão.

(133) O que acontece foi as bombas terem explodido.

(134) O que dizem foi o stress ter acumulado.

(135) O que é mais maravilhoso foi a Natureza ter sido justa.

(136) O que é facto foi o governo ter estado sob pressão.

A forma verbal do verbo **ser** só varia em tempo, na dependência do tempo da outra oração (global/considerada), tanto se tal forma estiver isolada, tanto se estiver junto a “que”:

(137) O que aconteceu foi que as bombas explodiram.

(138) O que dizem foi que o stress acumulou.

(139) O que é mais maravilhoso foi que a Natureza foi justa.

(140) O que é facto foi que o governo esteve sob pressão.

(141) *O que acontece são as bombas explodiram.

(142) *O que dizem foi o stress acumula.

(143) *O que é mais maravilhoso são a Natureza é justa.

(144) *O que é facto foi o governo esteve sob pressão.

O próximo conjunto de exemplos ilustra a simples utilização do complementador “que” e a eliminação de verbo **ser**:

(145) *O que acontece que as bombas explodiram.

(146) *O que dizem que o stress acumula.

(147) *O que é mais maravilhoso que a Natureza é justa.

(148) *O que é facto que o governo está sob pressão.

O efeito provocado pela utilização da forma “que” com a supressão da forma verbal **ser** é a agramaticalidade das frases, como se pode ver em (145)-(148).

Sintetizando as propriedades correspondentes ao grupo (ii), estas estruturas resultam agramaticais quando “é que” é suprimido. O uso de apenas a forma verbal do verbo **ser** só é válida se se utilizar um infinitivo flexionado. Se

utilizarmos apenas o complementador “que” as frases são igualmente agramaticais.

Por outro lado o sujeito (complexo) destas frases é uma relativa livre (“o que acontece.../o que dizem...”), razão pela qual estas construções se aproximam das construções pseudo clivadas analisadas no capítulo III.

Passamos agora ao grupo (iii) que pode ser distinguido de (ii) já que o grupo (ii) tem um sujeito frásico e o grupo (iii) tem uma forma nominalizada. Voltamos a repetir os exemplos (93)-(96) que constituem o grupo de construções (iii):

(93) O certo é que ele tinha razão.

(94) A intenção é que cada um escreva um artigo.

(95) O interessante é que tive um pouco de tudo.

(96) O problema é que eles assaltaram o banco.

Verificamos que não é possível suprimir “é que”:

(149) *O certo ele tinha razão.

(150) *A intenção cada um escreva um artigo.

(151) *O interessante tive um pouco de tudo.

(152) *O problema eles assaltaram o banco.

Sem qualquer tipo de pausa, as frases com SN simples como em (149)-(152) são agramaticais quando suprimido o “é que.

Com uma pausa marcada na escrita pela vírgula as frases revelam-se só um pouco mais aceitáveis do que as acima apresentadas, vejam-se os exemplos:

(153) ?O certo, ele tinha razão.

(154) ?A intenção, cada um escreva um artigo.

(155) ?O interessante, tive um pouco de tudo.

(156) ?O problema, eles assaltaram o banco.

A “substituição” de “é que” por um subordinador causal (porque) faz com que as frases com SN simples sejam agramaticais (154)-(157):

(157) *O certo porque ele tinha razão.

(158) *A intenção porque cada um escreva um artigo.

(159) *O interessante porque tive um pouco de tudo.

(160) *O problema porque eles assaltaram o banco.

Atentemos agora nos seguintes exemplos que ilustram a supressão do complementador “que” mantendo a forma verbal do verbo **ser**:

(161) *O certo é ele tinha razão.

(162) *A intenção é cada um escreva um artigo.

(163) *O interessante é tive um pouco de tudo.

(164) *O problema é eles assaltaram o banco.

Como podemos ver através dos exemplos (161)-(164), as frases são agramaticais se se suprimir o complementador “que”, mas as frases revelam

ser aceitáveis se utilizarmos um infinitivo flexionado com a forma “é” como ilustram os próximos exemplos:

(165) O certo é ele ter razão.

(166) A intenção é cada um escrever um artigo.

(167) O interessante é ter um pouco de tudo.

(168) O problema é eles assaltarem o banco.

Relativamente à supressão da forma verbal e à utilização do complementador “que” as frases são as seguintes:

(169) ?O certo que ele tinha razão.

(170) ?A intenção que cada um escreva um artigo.

(171) ?O interessante que tive um pouco de tudo.

(172) ?O problema que eles assaltaram o banco.

Resumindo: o grupo (iii) das estruturas que se aproximam do “é que” enfático/focalizador contém uma forma nominalizada. Através dos testes efectuados, revelam-se válidas as estruturas com pausa marcada pela vírgula e quando se utiliza apenas a forma verbal do verbo **ser**, sem o complementador, seguido de infinitivo flexionado. Com os testes de supressão de “é que” e da utilização de um subordinador, as frases tem sempre um comportamento negativo, ou seja, resulta sempre agramatical. E finalmente quando se utiliza apenas o complementador “que”, as frases são aceitáveis.

Após a apresentação de algumas das propriedades dos três grupos de estruturas que se aproximam do “é que” enfático/focalizador em especial, e do “é que” apresentador de frase, passamos a pesquisar a seguinte estrutura

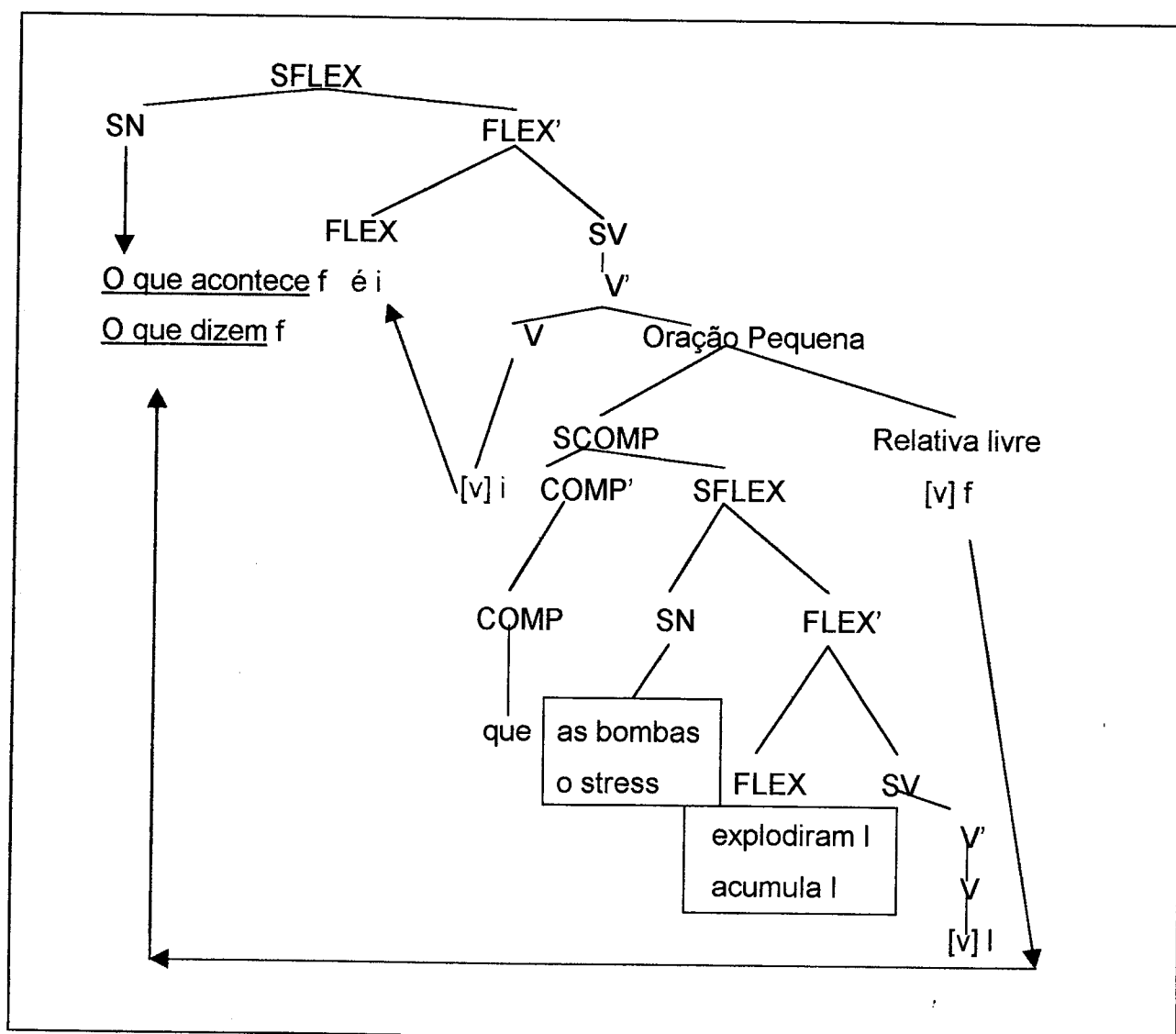
sintáctica para este tipo de construções, e para tal, vamos ter em conta as frases (89), (90), (93) e (96) que registamos novamente:

(89) O que acontece é que as bombas explodiram.

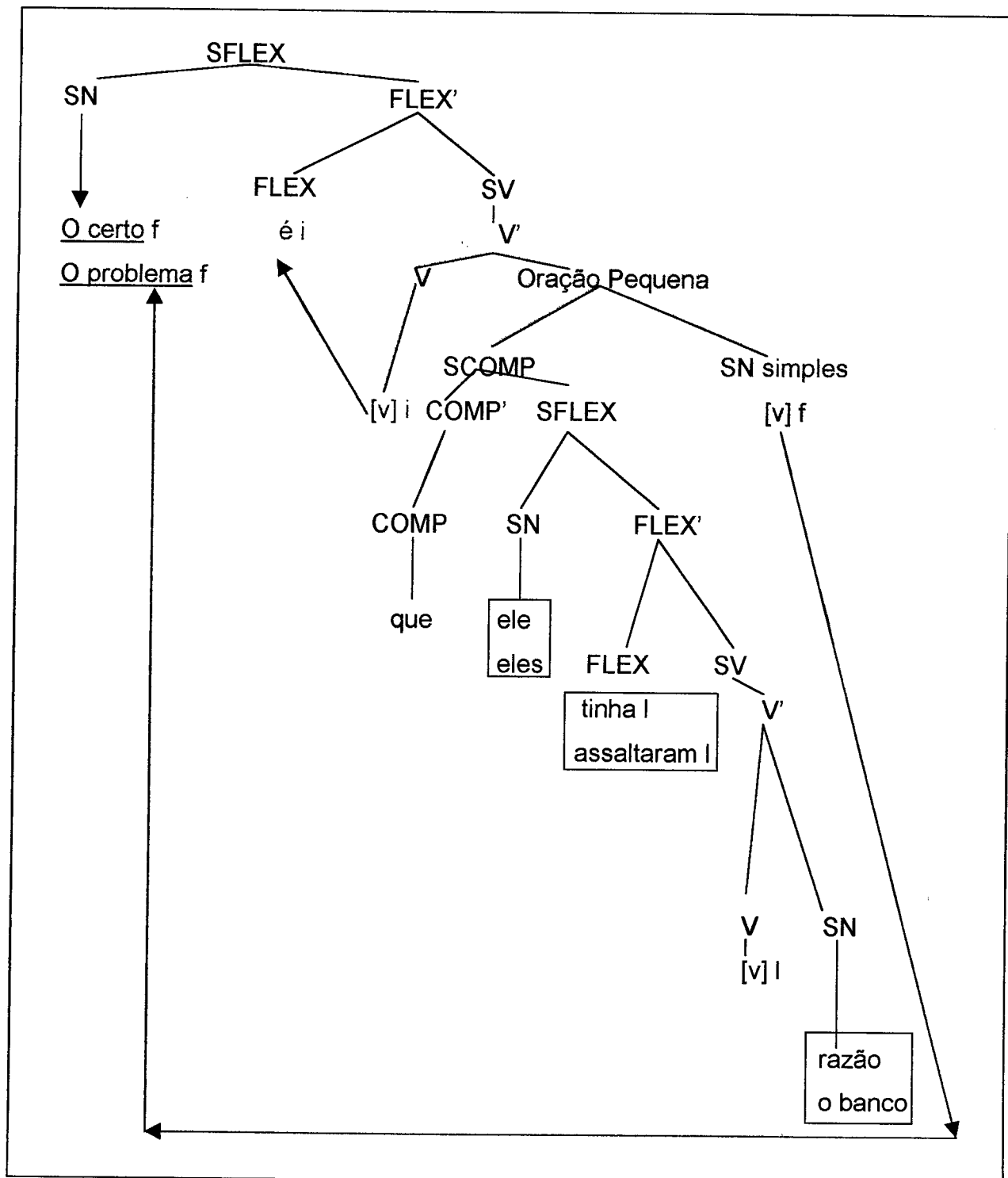
(90) O que dizem é que o stress acumula.

(93) O certo é que ele tinha razão.

(96) O problema é que eles assaltaram o banco.



Nesta estrutura podemos ver que o verbo ser selecciona uma oração pequena que é composta por uma relativa livre que se move para início de frase.



O movimento do SN (simples ou frásico) para SNSU justifica-se com a obtenção de nominativo enquanto “que” se mantém em COMP já que o seu movimento para FLEX, na linha do processo de reá nálise de Ambar, parece não ter motivação.

Conclusões

A abordagem ao núcleo deste trabalho – o “é que” contínuo em Português - teve início com a apresentação e organização de um conjunto de noções relativas ao tema.

No primeiro capítulo, focámos alguns aspectos da ordem de palavras em Português e alguns processos de alteração desta ordem tal como a passiva, as construções ergativas, o movimento do objecto directo, as interrogativas e ainda a inversão do sujeito e Parâmetro do sujeito nulo. Além da apresentação de noções sintácticas fundamentais, como sujeito e predicado, também foram apresentadas noções discursivas relativas à estrutura temática e à estrutura informacional, como tópico e foco.

No segundo capítulo, apresentamos classificações das construções de clivagem na bibliografia fundamental em Português de alguns autores: Casteleiro, 1976; Kato et alii, 1996 e Costa e Duarte 2001.

As construções de clivagem com “é que” descontínuo, construções pseudo-clivadas e clivadas, foram analisadas no capítulo III aceitando, no fundamental, as propostas de Costa e Duarte 2001. Estas construções revelam-se importantes neste estudo, na medida em que são constituídas pelo verbo **ser** e pelo complementador “que”, aproximando-se assim das construções com “é que” contínuo. Neste capítulo, abordámos superficialmente o verbo **ser** e ainda as orações predicativas e as orações identificacionais. A apresentação e a descrição das construções identificadas acima serviu de base para obtermos respostas às seguintes questões: (i) Qual a natureza do constituinte à esquerda de “que”? e (ii) Qual a natureza de “que”? Após alguns testes concluímos que o constituinte à esquerda de “que” e à direita do verbo **ser** é o foco da informação. Quanto à questão (ii), concordamos com Duarte e Costa 2001 e assumimos que o “que” é a mesma forma do complementador, uma forma invariável, estereotipada que, se ausente, provoca agramaticalidade na frase.

Na linha dos vários autores, considerámos a ideia de que as construções pseudo-clivadas podem ser analisadas considerando que o verbo **ser** selecciona uma oração pequena em que um dos seus membros é uma oração relativa livre ou uma oração iniciada pelo complementador “que”.

No capítulo IV, tratamos o “é que” contínuo, que é o núcleo deste trabalho. Assim sendo, identificámos três tipos de “é que” contínuo: o “é que” interrogativo; o “é que” enfático/focalizador e o “é que” apresentador de frase.

Relativamente ao “é que” interrogativo, colocámos a hipótese de o “é que” ocupar a posição de COMP, funcionando como um todo, uma só partícula, visto que os testes efectuados revelam agramaticalidade nas frases em que usamos isoladamente a forma “é” ou a forma “que”. A supressão da forma “é que” é possível mas com consequências quanto à ordem de palavras. Verificámos também, que a inversão do sujeito pode ser obrigatória ou opcional, ou seja, se os morfemas interrogativos forem simples, a inversão do sujeito é obrigatória, mas se os morfemas interrogativos forem complexos, a inversão é, então, opcional.

No que diz respeito ao “é que” enfático/focalizador, adoptámos muitas ideias apresentadas no capítulo III para as construções clivadas. Vimos que nestas construções a forma “é que” funciona como um todo embora seja sintacticamente segmentável. Foram discutidas várias hipóteses de tratamento sintáctico.

O “é que” apresentador de frase é aparentemente muito distinto dos tipos acima referidos, visto ocupar, não uma posição mediana na frase, mas sim, a posição inicial. O “é que” apresentador de frase tem como função realçar a oração que inicia e pode ser retirado sem que a frase resulte agramatical. A utilização isolada da forma “é” ou da forma “que” leva à agramaticalidade das frases; apesar de ser possível segmentar “é que” a nível sintáctico, “é que” funciona discursivamente como uma forma só, um todo. Este “é que” foi o único tipo que não revelou agramaticalidade quando parafraseado pelo subordinador porque. A distribuição frásica do “é que” apresentador de frase e o facto de Ter

um valor causal permitiu num primeiro momento colocar a hipótese de o “é que” apresentador de frase ocupar a posição COMP como um todo; mas a aproximação a outras construções permitiu colocar uma segunda hipótese de “é que” ser segmentável, isto é, e na linha das estruturas sintácticas apresentadas ao longo deste trabalho, considerámos que o verbo **ser** selecciona uma oração pequena constituída por SCOMP e um segundo membro nulo. Aproximamos então estas construções de outras construções com o verbo **ser** em que o segundo membro da oração pequena é nulo como em sou eu; é a Maria, o que permitiu colocar a hipótese de as orações com “é que” apresentador de frase serem uma especificidade das línguas de sujeito nulo.

Além do “é que” apresentador de frase, identificámos três tipos de construções com “é que” enfático/focalizador: (i) V + é que + oração; (ii) o que...+ é que + oração; e (iii) SN (N/forma nominalizada) + é que + oração, que no essencial foram estudadas dentro dos pressupostos das análises anteriores.

Em conclusão, o verbo **ser**, que é o verbo privilegiado das construções identificacionais, predicativas, pseudo-clivadas e clivadas, é também o verbo que surge na sequência de “é que” contínuo e também no “é que” apresentador de frase. Do ponto de vista sintáctico em todas elas o verbo **ser** selecciona uma oração pequena com dois membros de natureza categorial variável conforme a construção. Como outras construções de clivagem, o “é que” apresentador de frase é uma forma de focalização, neste caso do conteúdo de toda a frase à direita de “é que”.

Bibliografia:

- Ambar, M. 1992. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*, Colibri, Lisboa.
- Ambar, M. 1999. "Aspects of the syntax of focus in Portuguese." In G. Rebuschi e L. Tuller (orgs) *The grammar of Focus*. Amsterdam, John Benjamins
- Barbosa, J. Soares 1822. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios de Grammatica Geral Aplicados à nossa Lingoagem*. Lisboa. (2ª ed., Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1830)
- Brito, Ana M. 1991. *A sintaxe das orações Relativas em Português*. Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Casteleiro, J. Malaca 1976. "Sintaxe e Semântica das construções enfáticas com "é que" (1ª parte)". *Actas do 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português*, Lisboa.
- Collins, C. 1991. *Pseudocleft and Cleft Constructions: a Thematic and Informacional Interpretation*. Linguistics, Routledge, Nova York.
- Costa, J. 1996. "Positions for subjects in European Portuguese". *Proceedings of WCCFLXV, CSLI*.
- Costa, J. 1996. "Focus in situ: Evidence from Portuguese". Comunicação apresentada no Going Romance X.
- Costa, J. 1998. *Word order Variation. A Constraint-Based Approach*. Haia: HIL
- Costa, J., Duarte, I., 2001. "Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em Português" in *Actas do 16º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Colibri, Lisboa.
- Cunha, C., Cintra, L., 1984. *Gramática do Português Contemporâneo*, 10ªed., Lisboa, Sá da Costa, Lda.
- Duarte, I. 1987. *A construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Univ. de Lisboa: Dissertação de Doutoramento.
- Duarte, I. 1997. "Ordem de palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva". In Brito, Oliveira, Pires de Lima & Martelo, orgs, *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo de Letras.
- Duarte, I., & Brito, Ana M., 1996, "Sintaxe", in *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, S.A.
- Higgins, F. R. 1976. *The pseudo-cleft Construction in English*. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club Doctoral Dissertation, MIT, 1973

- Jaeggli, O., e K. J. Safir (eds), 1989, *The Null Subject Parameter*, Kluwer Academic, Dordrecht.
- Kato, M., M. L. Braga, V. Corrêa, M. ^a L. Rossi & N. S. Sikanski. 1996. "As construções-Q no Português Brasileiro Falado". *Gramática do Português Falado*, Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP
- Kiss, K (org) 1995. *Discourse Configurational Languages*. Oxford: Oxford University Press
- Li, C. N. & S. A. Thompson 1976. "Subject and Topic: a new typology of language". On Li (ed) 1976, Academic Press, Nova York.
- Martins, A. M: 1994. *Clíticos na História do Português*. Univ. de Lisboa: Dissertação de Doutoramento.
- Mateus, M., Brito, A., Duarte, I., Faria, I. 1983 *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra. Almedina.
- Moro, A. 1995. *The raising of Predicates*. Cambridge University Press.
- Quirk, et alii 1972. *A Grammar of contemporary English*. London: Longman.
- Raposo, E. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. (2^a ed) Editorial Caminho, Lisboa.
- Renzi, L (org) 1988. *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol. I Bolonha: Il Mulino.
- Rizzi, L. 1997. "The fine structure of the left periphery". In Liliane Haegeman, *Elements of Grammar*. Kluwer Academic Publishers, Netherlands.
- Rochemont, M. & p. Culicover 1990. *English Focus Constructions and the Theory of Grammar*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Rouveret, A. 1998. "Être" et "Avoir" syntaxe, sémantique, typologie. In Sciences du Langage, Paris.
- Vilela, M., 1995, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina
- Williams, E. 1982. "Small clauses in English", in *Syntax and Semantics*, Vol. 4, New York, Academic press.
- Zubizarreta, M. L. 1993. "Grammatical Representation of Topic and Focus: Implications for the Structure of the Clause". In *Cuadernos de Lingüística Ortega Y Gasset*, 2.